

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Isadora Massad Giani Pinheiro

ASPECTOS FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS DO SUL DE GOIÁS

Goiânia

2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Isadora Massad Giani Pinheiro				
E-mail:	isadoramassad@hotmail.com				
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não					
Vínculo empregatício do autor					
Agência de fomento:			CNPq	Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO	CNPJ:	
Título:	ASPECTOS FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS DO SUL DE GOIÁS:				
Palavras-chave:	Variedade linguística, fonética, alofonia, Atlas linguístico, Sul de Goiás.				
Título em outra língua:	PHONOLOGICAL ASPECTS OF SOUTH OF GOIÁS PORTUGUESE				
Palavras-chave em outra língua:	Linguistic variety, Phonetics, Allophony, Linguistic atlas, South of Goiás.				
Área de concentração:	Estudos Linguísticos				
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	29/09/2015				
Programa de Pós-Graduação:	Letras e Linguística				
Orientador (a):	Sebastião Elias Milani				
E-mail:	sebas@letras.ufg.br				
Co-orientador (a):*					
E-mail:					

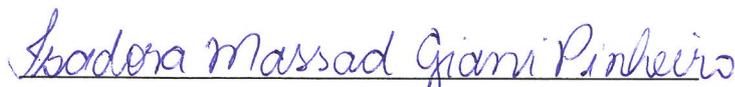
*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.


 Assinatura do (a) autor (a)

Data: 09 / 06 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Isadora Massad Giani Pinheiro

ASPECTOS FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS DO SUL DE GOIÁS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito final para a obtenção do título de Mestre, na área de concentração dos Estudos Linguísticos, sob a orientação do Professor Dr. Sebastião Elias Milani.

Goiânia

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pinheiro, Isadora Massad Giani
ASPECTOS FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS DO SUL DE GOIÁS
[manuscrito] / Isadora Massad Giani Pinheiro. - 2016.
80 f.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2016.
Bibliografia.

1. Variedade linguística . 2. Fonética. 3. Alofonia. 4. Atlas
Linguístico. 5. Sul de Goiás. I. Milani, Sebastião Elias, orient. II. Título.

CDU 81

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a força de que precisei em momentos tão difíceis no percurso dessa caminhada acadêmica e mais precisamente no período do mestrado, quando passei por momentos delicados que me fortaleceram, me fizeram refletir e crescer.

Ao professor Sebastião Elias Milani, que me aceitou como orientanda, que fez jus ao seu papel de orientador e de mestre durante essa caminhada, com seu conhecimento incrível, sua memória invejável e sua dedicação notável. Obrigada por acreditar em mim.

Agradeço também por ter me convidado, juntamente com a professora Tânia Ferreira Rezende, para participar da coleta de dados do ALINGO, pois essa experiência fez com que eu tivesse o primeiro contato com a realidade de ser linguista.

À minha família, que mesmo não entendendo muito bem o que estava acontecendo me apoiou e compreendeu meus momentos de ausência física, já que eu sempre estive ao lado deles espiritualmente.

Ao meu namorado e companheiro de jornada acadêmica, José Luciano, que esteve ao meu lado, nessa fase tão complicada, me oferecendo suporte emocional, me aconselhando quando era necessário e trazendo um pouco de leveza para os meus dias, além de compreender alguns dias difíceis de mau-humor e cansaço.

Aos meus amigos da Faculdade de Letras, que sempre estiveram ao meu lado me engrandecendo, me encorajando e mostrando que confiavam em meu trabalho. Prefiro não enumerá-los, pois são muitos e não quero me esquecer de nenhum.

Aos meus amigos-irmãos de outros contextos, que também contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui, sempre com muito carinho e atenção.

Ao Grupo Imago, com o qual, embora eu tenha frequentado tão poucas reuniões, pude aprender um pouco do que é ser pesquisadora.

Ao CNPq pela bolsa.

À banca de qualificação pelas contribuições e sugestões.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística pela oportunidade de chegar até aqui.

RESUMO:

Este trabalho apresenta a descrição de alguns aspectos fonológicos na região sul do estado de Goiás, nas cidades de Orizona, Pires do Rio, Ipameri, Catalão, Três Ranchos, Corumbáiba, Buriti Alegre, Caldas Novas, Mineiros, Rio Verde, Jataí, Itumbiara, Cachoeira Dourada, Quirinópolis, São Simão, Edéia, Paraúna e Vianópolis. As análises partiram de respostas dadas ao questionário do ALINGO – *Atlas linguístico de Goiás*. Por questões didáticas esses aspectos foram separados quanto às vogais, às sílabas e às consoantes. As observações realizadas sobre as vogais se relacionaram às possibilidades fonológicas para o fonema /o/ em posição pré-tônica, que analisou as diferentes produções das palavras “sovaco”, “tornozelo”, “solução” e “orvalho”. A questão referente às sílabas aborda a nasalização e a oralização da sílaba “-gem” em final de palavras. Para essa análise foram utilizadas as realizações de “estiagem”, “lavagem” e “vagem”. O capítulo a respeito das consoantes tratou da oscilação entre o emprego de /g/ e /k/ na palavra “sabugo” no falar do sul de Goiás. Como fundamentação teórica das hipóteses trabalhadas em cada um dos fenômenos utilizaram-se, principalmente, aspectos da Gramática Histórica e da Linguística descritiva. Para introduzir esses capítulos descritivos, foram apresentados e explanados os conceitos dos sons vocálicos, das sílabas e dos sons consonantais, a fim de facilitar a compreensão dos fenômenos ocorridos. Antes das análises descritivas, no primeiro capítulo, há um percurso histórico dos estudos referentes aos sons, que apresenta o desenvolvimento das principais teorias desse âmbito, inclusive das que foram utilizadas como aporte teórico.

PALAVRAS-CHAVE: Variedade linguística, fonética, alofonia, Atlas linguístico, Sul de Goiás.

ABSTRACT:

This work presents the description of some phonological aspects in the southern region of Goiás State, in the cities of Orizona, Pires do Rio, Ipameri, Catalão, Três Ranchos, Corumbaíba, Buriti Alegre, Caldas Novas, Mineiros, Rio Verde, Jataí, Itumbiara, Cachoeira Dourada, Quirinópolis, São Simão, Edéia, Paraúna and Vianópolis. The analysis resulted from the answers given in the ALINGO (*Linguistic Atlas of Goiás*). For pedagogical reasons, these aspects were separated regarding the vowels, the syllables and the consonants. The observations performed about the vowels were related to the phonological possibilities for the phoneme /o/ in pretonic position, which analyzed the different productions of words like “armpit” (sovaco), “ankle” (tornozelo), “sob” (solução) and “dew” (orvalho). The issue concerning the syllables approaches the nasalization and the oralization of the syllable “-gem” in the end of the words. In this analysis, it was used the realization of “rain drought” (estiagem), “swill” (lavagem) and “pod” (vagem). The chapter about the consonants addressed the oscillation between the employment of /g/ and /k/ in the word “corn cob” (sabugo) in the south of Goiás speech. As theoretical fundamentals of the hypothesis worked in each phenomenon, it were used, mainly, the Historical Grammar and the Descriptive Linguistics. To introduce these descriptive chapters presented and explained the concepts of vowel sounds, syllable and consonantal sounds in order to facilitate the comprehension of occurred phenomena. Before the descriptive analysis, in the first chapter, there is a historical background of studies related to the sounds, which presents the development of the main theories in this scope, including the ones used as theoretical basis.

KEYWORDS: Linguistic variety, Phonetics, Allophony, Linguistic atlas, South of Goiás.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1: Breve percurso histórico do estudo dos sons da fala	12
1.1. Os estudos linguísticos na Índia Antiga.....	16
1.2. Os sons sob o ponto de vista de Platão	19
1.3. O estudo dos sons na gramática do Árabe.....	21
1.4. O estudo dos sons na <i>Gramática de Port-Royal</i>	22
1.5. Algumas teorias fonológicas do século XIX	25
1.6. Estudos de Wilhelm von Humboldt acerca dos sons articulados.....	28
1.7. O estudo dos sons em Ferdinand de Saussure	32
CAPÍTULO 2: Realizações vocálicas presentes no português do sul de Goiás.....	37
2.1. O reconhecimento das vogais.....	37
2.2. Realizações fonéticas do fonema /o/.....	43
2.3 Nasalização e desnasalização na sílaba “gem”.....	59
CAPÍTULO 3: Sonorização e ensurdecimento das consoantes /g/ e /k/ na fala do sul de Goiás.....	67
3.1. O reconhecimento das consoantes.....	67
3.2. Oscilação entre o emprego de /g/ e /k/ na palavra “sabugo”.....	72
Conclusão.....	76
REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa mais ampla, que se iniciou ainda na graduação com a coleta de dados por cidades do estado de Goiás para a criação do acervo do LABOLINGGO – Laboratório da língua de Goiás. O laboratório, além de armazenar dados dos falantes goianos, visava também à elaboração do ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás, sob a coordenação do professor Sebastião Elias Milani.

A partir da experiência com a pesquisa de campo, foi possível vislumbrar um projeto a ser desenvolvido como parte desse maior, fazendo o recorte territorial do sul de Goiás, a fim de estudar a língua sob a perspectiva diatópica, ou seja, aquela que considera a delimitação dos espaços e reconhece as áreas dialetais (CARDOSO, 2010).

A priori, o projeto tinha como objetivo comparar o *falar* do sul goiano com o *falar* do triângulo mineiro, com a finalidade de estabelecer relações referentes ao léxico e à fonologia, apresentando parte da trajetória dos bandeirantes através da língua. Todavia não foi possível encontrar dados suficientes de Minas Gerais para realizar a comparação e já era inviável iniciar uma nova coleta de dados naquele determinado momento.

A impossibilidade da realização do primeiro projeto encaminhou a pesquisa para a elaboração desta dissertação que, embora tenha descartado o *falar* mineiro, continuou trabalhando com o sul de Goiás, uma região fronteira territorialmente que possui suas peculiaridades culturais e linguísticas.

É possível se encontrar outros trabalhos acerca do *falar* goiano, como a dissertação de mestrado de Wildinara Karlane Luiz da Silva (2013), que abordou o uso variável das vogais médias pretônicas na fala da cidade de Iporá, que fica situada no oeste goiano. Importante salientar que essa pesquisa utiliza a metodologia da sociolinguística variacionista como base.

Outra pesquisa que contribui bastante para esses estudos regionais do *falar* goiano é a tese de Raquel Peixoto Ferreira Vieira (2012), que ao traçar a *Historiografia-linguística dos métodos de estudo sobre a aférese no Brasil*, analisa os dados da cidade de Pirenópolis, região central de Goiás.

Ainda estão em fase de produção a pesquisa de pós-doutorado de Daniel Marra da Silva, sobre as isoglossas da fala da fronteira do estado de Goiás com a Bahia, a pesquisa

de mestrado de Rodolpho Gomes Barreto de Carvalho Oliveira acerca das atitudes linguísticas dos falantes em relação ao “r” retroflexo na cidade de Goiânia, além da Iniciação Científica de Rita Azevedo, a respeito da nasalização na fronteira com Mato Grosso.

O objetivo de tal dissertação é apresentar algumas particularidades linguísticas, no âmbito da fonologia, presentes na região selecionada, consciente de que certos fenômenos estudados ocorrem em outras regiões do estado de Goiás e do Brasil. Porém não da mesma forma ou com a mesma frequência, já que em algumas regiões pode ocorrer apenas um dos fenômenos de forma isolada, ou mais de um com combinações diferentes entre eles.

A dissertação expõe, no primeiro capítulo, um breve histórico sobre dos estudos dos sons, que tem como objetivo apresentar a construção da metodologia da área desde os tempos mais remotos até a que é existente hoje e que será mostrada *a posteriori*, na prática das análises nos capítulos seguintes.

A seleção dos autores, períodos e obras ocorreu a partir da observação dos estudos a respeito da linguagem, seguindo o percurso histórico desde os indianos até o estruturalismo saussuriano, que contribuíram notavelmente para os estudos linguísticos atuais. Como a ênfase é nos estudos dos sons, elegeram-se os autores, períodos ou obras que ofereceram maior contribuição para essa área em questão.

Os capítulos seguintes da dissertação seguem um caminho diferente do primeiro, uma vez que partem para a descrição da língua portuguesa falada no sul de Goiás, mas tendo como base teorias linguísticas que se aperfeiçoaram graças às pesquisas feitas nos períodos expostos. Cada capítulo analisa seus fenômenos determinados utilizando a mesma metodologia e o mesmo *corpus*, que serão apresentados adiante.

Os dados analisados foram coletados a partir da metodologia utilizada pelo ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, com um questionário semântico-lexical que envolve o cotidiano dos entrevistados, com 240 perguntas divididas em: a natureza e o homem. Essas pessoas foram selecionadas de acordo com os critérios apontados por Brandão (1991): dar preferência aos nascidos na região, ou que vivem ali a desde a infância; aqueles que possuem boa dentição e boa fonação; escolher pessoas com pouca escolaridade.

A coleta de dados tentou abranger muitos perfis diferentes, considerando o sexo, a faixa etária – que tinha como idade mínima 18 anos de idade -, diferentes níveis de escolaridade, ser filho de pais nascidos na região, ter vivido sempre ali, ter boas condições fonatórias, profissões variadas (MILANI *et al*, 2015).

Como participante da coleta, foi observável a dificuldade de seguir esses critérios, não foi possível preencher todos os perfis em cada uma das cidades visitadas, uma vez que a quantidade de entrevistados seria muito grande e algumas vezes não se tinha indivíduos disponíveis, já que o questionário era longo. Além desse empecilho encontrado, também houve problemas quanto à qualidade sonora das entrevistas e também quanto à qualidade do conteúdo delas.

Os dados analisados na dissertação foram os transcritos e inseridos no livro *ALINGO - Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético*. A seleção dos dados para o livro se deu a partir dos perfis diferenciados, da qualidade sonora das entrevistas como citado anteriormente.

A transcrição dos dados foi feita por alguns dos entrevistadores sob a supervisão do professor Sebastião Elias Milani, que depois fez uma correção atenta em cada resposta dada e transcrita.

O segundo capítulo se inicia com uma breve explicação a respeito dos sons vocálicos, com a formação de um conceito para eles, a apresentação das classificações existentes e a explanação de cada uma das categorias.

Para a elaboração de um conceito de vogais, foram utilizados diversos autores como Peter Ladefoged e Ian Maddieson (1996), Joaquim Mattoso Câmara Jr. (2010), Dinah Callou e Yonne Leite (2000), entre outros a fim de partir da definição mais básica de vogal, como som que é produzido pela passagem livre da corrente de ar pela cavidade oral.

Depois da conceituação, as vogais foram classificadas de acordo com os seguintes critérios: quanto ao grau de abertura da cavidade oral; quanto à posição da língua na boca, levando em conta o eixo horizontal; quanto à posição dos lábios; e quanto à nasalidade. Sempre levando em conta as teorias dos autores selecionados a fim de tornar essas classificações mais completas.

Nas questões descritivas, a primeira observação feita no segundo capítulo é quanto às possibilidades fonéticas existentes para o fonema /o/ em posição pré-tônica, já que a partir da observação dos dados pôde-se notar que essas possibilidades não se limitam aos casos alofônicos mais conhecidos: [ɔ] e [o].

As possibilidades encontradas para o /o/ em posição pré-tônica foram os alofones: [ɔ], fruto de neutralização; [o] e [u], que sofrem o processo chamado por Câmara Jr. (1977) de “debordamento fonêmico”; [a], possivelmente consequência de assimilação e dissimilação. Com a observação dos dados, concluiu-se que o fonema de todos esses alofones seria o /o/, já que foi o mais produtivo e recorrente dentre as respostas analisadas.

Ainda no segundo capítulo, há a observação da oralização ou nasalização da sílaba “gem”. Por mais que esse fenômeno ocorra em outras localizações geográficas, essa análise pretendeu apresentar as diferentes realizações desse segmento, não apenas categorizando em oral ou nasal, mas mostrando que há outras produções possíveis e presentes no *falar* do sul de Goiás.

Para introduzir essa análise, foi feita uma breve explanação em relação às sílabas em português, discorrendo acerca do conceito, dos tipos de sílabas existentes em língua portuguesa, dando ênfase à sílaba travada, já que “gem” faz parte dessa categoria.

Após a observação dos dados, pôde-se perceber a presença de realizações de diversas naturezas do segmento “gem”. Primeiro com a ditongação nasal [ʒẽĩ], depois como [ĩ], finalmente foi encontrada a possibilidade sem nasalidade [ɪ], que foi analisada sob a ótica da “lei do menor esforço” de Whitney (2010).

O último capítulo apresenta fenômenos relacionados às consoantes. Por isso, antes de apresentar os dados, foi feita uma introdução sobre esses sons, assim como foi feito com as vogais e com as sílabas, a fim de apresentar noções e as classificações das consoantes.

Primeiro, houve a diferenciação entre vogais e consoantes, partindo do conceito relacionado à passagem da corrente de ar pela boca, as consoante com obstrução. Depois foram apresentadas as classificações das consoantes: quanto ao ponto de articulação; quanto ao modo de articulação; e quanto ao vozeamento/sonoro e ao desvozeamento/surdo.

O último critério de classificação apresentado foi o que moveu a investigação desse capítulo, uma vez que foi observada a oscilação presente na produção da palavra “sabugo”, algumas vezes com a última sílaba sendo pronunciada com a consoante sonora e outras vezes com a consoante surda: [sa'bugo] e [sa'buko].

CAPÍTULO 1

BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO ESTUDO DOS SONS DA FALA

A história da linguística, embora já tenha sido bastante investigada, ainda possui várias lacunas em aberto, principalmente no que se refere à origem das línguas. A fim de solucionar esta questão há muitos estudos sobre línguas antigas, além de várias teorias que visam ao descobrimento da língua original.

Quando se pensa em línguas antigas estruturadas, ao se fazer o maior retrospecto conhecido seguramente, é possível encontrar os escritos sobre a língua egípcia, assim como os escritos nessa língua. A importância presente no Egito Antigo, para a Linguística, diz respeito à estrutura apresentada na escrita dessa civilização.

Apesar desse destaque na estrutura da língua egípcia, ela não entrará nesse capítulo, uma vez que se objetiva construir um percurso histórico dos estudos destinados aos sons da língua, ou seja, as civilizações, teorias e os momentos históricos escolhidos para serem abordados foram aqueles que desenvolveram contribuições efetivas para esse campo linguístico.

Dessa forma, muitos períodos históricos e importantes autores serão desconsiderados, porém não porque foram desimportantes para a construção da linguística atual, mas por não terem tido como foco de seus estudos a fonética e a fonologia. Por esse motivo, haverá momentos no capítulo em que o salto temporal será bastante notável.

O percurso inicia-se com os indianos, sendo os que dão início a esses estudos, caso a observação feita se dê de acordo com a cronologia, já que esses estudos acontecem entre 1200 a.C. e 1000 a.C., que inclusive é o período mais remoto que se conhece sobre o sânscrito, quando os indianos procuravam entender a articulação das palavras de seus textos sagrados a fim de preservar a pronúncia exata para que as preces pudessem ser atendidas (ROBINS, 2004).

A sistematização desses estudos ocorreu efetivamente com a produção da *Gramática de Pānini*, uma espécie de manual, já com caráter mais científico do que religioso, a qual expunha diversos aspectos da língua sânscrita, dentre eles elementos

relacionados aos sons da língua. Essa organização mais didática foi realizada séculos mais tarde, acredita-se, entre o V a.C. e o IV a.C.

Os estudos indianos puderam contribuir bastante para questões relacionadas à articulação, pois eles já apresentaram a noção dos órgãos articulatórios, que foram divididos em extrabucais e intrabucais, além de descreverem o mecanismo de articulação com um órgão articulatório fixo e outro móvel, critérios ainda presentes nos estudos dos sons atuais.

Embora os indianos sejam os primeiros estudiosos dessa área do saber, só foram adicionados à teoria dos estudos linguísticos a partir do século XVIII, que foi quando os europeus tiveram acesso aos textos e conhecimento sobre a língua. No século subsequente, o sânscrito foi tema principal de vários trabalhos linguísticos.

Ao dar prosseguimento na história dos estudos dos sons, encontra-se Platão e o seu diálogo *Crátilo* no caminho. O filósofo grego viveu entre o século V a.C. e o século IV a.C., contribuindo, com seus estudos, com várias áreas do saber, inclusive para os estudos referentes à linguagem.

No diálogo *Crátilo* estão presentes reflexões acerca da língua apresentadas através do diálogo de Sócrates, Crátilo e Hermógenes. O cerne desse diálogo é a questão de a língua ser natural, ou seja, a natureza daria forma a ela, ou ser convencional, passar por convenções humanas.

Juntamente com as discussões sobre convencionalismo e naturalismo, Sócrates trata de questões articulatórias, sem que utilize esse termo, na produção de alguns sons, justificando o caráter naturalista de certos elementos da língua. Como exemplo dado por Sócrates, há a letra L (que poderia se referir à letra ou ao som dela), que o filósofo alega que possui inerentemente a noção de coisas moles ou lisas e, para justificar, apresenta várias palavras de seu idioma como argumentos.

Ao partir para a idade média, pode-se encontrar os árabes e os seus estudos referentes à língua, com objetivos semelhantes aos indianos de outrora, mas também com objetivos próprios de sua sociedade: o estudo da língua tinha grande importância cultural, no sentido de pertencimento a uma determinada comunidade.

Para realizarem seus estudos, eles se aproveitavam dos largos conhecimentos sobre anatomia humana, o que auxiliou na descrição mais minuciosa do aparelho fonador,

passando a ser a descrição mais precisa até então. Além disso, os árabes foram os primeiros a separarem o elemento fônico do elemento gráfico, em outras palavras, o som da letra.

Próxima obra abordada no primeiro capítulo é a *Gramática de Port-Royal*, que foi publicada em 1660, possuindo uma estrutura bastante diferente das gramáticas escritas até então e, inclusive, no mesmo período. Apresenta diversas categorias e divisões que auxiliam a leitura e a compreensão dos temas abordados.

Presente nas divisões do livro, há a parte que se refere exclusivamente ao estudo dos sons, onde se diferenciam as vogais das consoantes, conceituando, de forma geral, esses elementos, de maneira bastante semelhante com as definições conhecidas atualmente para tais.

Dentro da abordagem acerca das vogais, a *Gramática de Port-Royal* classifica esses sons de acordo com os critérios referentes ao grau de abertura da boca, se as vogais são mais longas ou mais breves e também se são abertas ou fechadas. A partir dessa última classificação os autores refletem sobre a possibilidade de cada letra representar apenas um som, o que hoje se pode ver no alfabeto fonético internacional.

Como a proposta deste capítulo é de traçar um percurso breve, o século XIX foi tratado de forma mais ampla, pois várias teorias se originaram nesse período, porém apenas algumas contribuíram de forma mais sistemática para o desenvolvimento dos estudos sobre os sons. Os campos abordados serão a linguística histórica e comparativa, a linguística românica e os neogramáticos.

É possível observar que, nesse período, as contribuições para a área que está sendo estudada são provindas de trabalhos que utilizaram como metodologia de pesquisa as ideias comparativas. Tem-se como resultado as leis de mudanças fônicas, que apresentam como as línguas europeias “evoluíram” dentro de determinado espaço de tempo, ou dentro de um espaço demarcado.

Primeiro surgiu pela autoria de J. Grimm a lei, que recebeu seu nome, representando os estudos histórico-comparatistas, que consistia em alegar que algumas consoantes (aqui os sons e letras ainda se confundiam) da língua primitiva, o indo-europeu, haviam sofrido mudanças, no decorrer dos tempos, nos ramos das línguas germânicas.

A lei de Grimm foi complementada pelo neogramático Verner, que postulou sua lei, que também recebeu o seu nome. Na lei de Verner não apenas os sons foram levados em conta, mas o ambiente fônico também passou a ser condicionante nas mudanças fônicas, trazendo para a área uma notável contribuição.

Embora Humboldt também fosse comparatista, o primeiro capítulo desta dissertação o apresenta de maneira segregada aos demais, pois esse autor se destacou com suas grandes colaborações não só para estudos relacionados aos sons, mas também para outras áreas das ciências humanas.

No âmbito dos sons, Humboldt propôs duas leis de mudanças fônicas que levam em conta fatores externos à língua, como a capacidade de um indivíduo produzir determinado som ou de adaptar esse som a outro que possui articulação semelhante. A outra lei é resultado de fatores internos à língua, que já possui suas mudanças pré-determinadas.

Além disso, Humboldt também inseriu o conceito de som articulado para os sons da fala, pois ao definir esse conceito ele diferenciou os sons humanos dos sons animais, sendo que esses são produzidos por instinto e aqueles são produzidos com intenção de significar algo.

Outra questão presente nas discussões humboldtianas é quanto à classificação de vogais e consoantes. Para esse autor nem as vogais, nem as consoantes podem ser pronunciadas sozinhas. Diferentemente do que muitos pensam hoje em dia, ele acreditava que, para que uma vogal fosse pronunciada no início de sílaba, deveria haver antes uma consoante de apoio que auxiliaria no impulso inicial (MILANI, 2012).

Finalmente, o primeiro capítulo desta dissertação aborda Saussure, um autor de grande importância para os estudos da linguagem por tê-los tornado uma ciência autônoma, com auxílio do Cientificismo, uma corrente de pensamento da época, que surgiu através do Positivismo como forma de organização das ciências como um todo.

As contribuições mais relacionadas ao âmbito teórico têm início quando Saussure estabelece diferenciação entre Fonética e Fonologia, sendo que esta é relacionada à fala, à articulação e aquela referente ao estudo “evolutivo” das línguas, ou seja, de forma mais associada com a história.

Saussure critica os antigos que estudam os sons a partir de textos escritos e alega que os sons devem ser estudados por eles mesmos, pois a fala e a escrita não possuem correspondência absoluta, desta forma ele afirma que sons e letras são unidades diferentes.

O conceito de som articulado de Humboldt é utilizado por Saussure, a fim de diferenciar os sons animais dos sons humanos, mas, quando se trata da análise sonora, a terminologia utilizada por este linguista é dado acústico. O dado acústico, ou o som, pode ser percebido numa cadeia de fala ouvida. Sabe-se que é um único dado acústico, se a cadeia de fala aparentar ser homogênea. Caso não seja, haverá mais de um som nessa cadeia (SAUSSURE, 2012).

Este percurso traçado utilizou obras basilares para os estudos do campo proposto presentes em alguns movimentos científicos que não foram resgatados diretamente de livros, mas também do pensamento que regia o momento, como no caso da linguística histórica, no Círculo Linguístico de Praga etc. Todo esse conhecimento acerca da fonética e da fonologia é importante para compreender o funcionamento dos estudos desse âmbito, também, nos dias atuais.

1.1 OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS NA ÍNDIA ANTIGA

Antes de abordar os estudos desenvolvidos na Índia nos tempos mais remotos, é preciso esclarecer que o acesso ocidental a essas obras só foi possível no século XVIII, assim, os estudos acerca dessa língua começaram efetivamente a partir de então. Porém como é a primeira civilização que tratou dos aspectos sonoros da língua, segundo sabe-se, foi colocada em primeiro lugar nesse capítulo, para obedecer cronologicamente à história dos estudos fonéticos.

Os estudos linguísticos dessa civilização são considerados os primeiros que embasaram a linguística contemporânea, graças à organização da linguagem e à reflexão feita sobre ela, o que se diferenciou totalmente dos povos anteriores, que não demonstraram tantos interesses nesse campo do conhecimento (KRISTEVA, 2007).

Essa língua que serviu de base para vários estudos linguísticos é a língua sânscrita. A reflexão sobre o sânscrito deve muito à religião, pois foi a razão principal que fez os indianos se debruçarem em seu estudo.

Para que as pessoas pudessem fazer suas orações e rituais, acreditava-se ser preciso saber pronunciar exatamente as palavras sagradas. Desse modo, alguns estudiosos uniram-se a fim de descreverem a língua a partir da articulação, para que todos pudessem fazer suas preces de forma correta e para evitar que a má articulação pudesse prejudicá-los em sua comunicação com o divino:

Nesta relação incessante com a recitação litúrgica dos textos sagrados, a gramática indiana apresenta uma teoria complexa sobre a matéria fônica da língua: sobre os sons, a sua articulação, a sua ligação com a significação (KRISTEVA, 2007, p. 95).

É importante ressaltar que não foi apenas sobre os sons que os indianos refletiram em seus estudos linguísticos, eles também abordaram outras categorias pertencentes às ciências linguísticas, como: estudos sobre o sentido, concepção de fala etc. Além disso, é necessário saber que toda essa investigação foi começada nos próprios textos religiosos, os quais possuíam caráter poético (KRISTEVA, 2007).

A partir da coleta e da seleção de critérios que foram abordados nos poemas religiosos, foi possível construir uma coletânea teórica, a qual foi denominada de Gramática de Pānini, que apresentava esses elementos, além da descrição, relativamente, detalhada deles.

Essa gramática foi considerada o primeiro texto científico produzido em sânscrito e um dos primeiros no oriente, o que ocorreu entre os séculos VI e III a. C. Observando essas informações históricas, fica evidente que essa gramática difere bastante das que conhecemos hoje em dia.

Ao analisar a Gramática de Pānini, é possível perceber que algumas classificações de categorias se assemelham aos conceitos de sílaba e de fonema atuais. O *aksara*, que seria um elemento semelhante à sílaba, tem o significado de base do discurso e sua terminologia tem origem em um texto religioso cujo nome é *naksarati* e que discorria sobre algo que não se escoava, por isso, então, a *aksara* seria a base, por ser algo fixo (KRISTEVA, 2007).

Já o que correspondia à noção de fonema era chamado de *varna*, que significava, *a priori*, “coloração”. Esses (ou essas) *varnas* receberam classificações de acordo com o modo e o ponto de articulação das consoantes seguidas das vogais e dos ditongos, que formavam cinco séries de correlações que eram denominadas *vargas*. A escrita *devanagari* registra a distinção entre consoantes e vogais do sânscrito (KRISTEVA, 2007).

Ao observar a descrição desses elementos fônicos dentro das palavras é possível perceber um grande esclarecimento referente aos conceitos de consoante e vogal, uma vez que a consoante só era considerada e classificada quando estava próxima de uma vogal ou de um ditongo, ou seja, só assim ela era percebida, logo só assim poderia ser observada.

Sobre a articulação dos sons, havia uma teoria ligada à religião e outra ligada à articulação. Esta última, que detém maior importância para este estudo, considera a observação do corpo humano, pois distinguia os sons a partir dos diferentes movimentos provindos da boca: os movimentos labiais (abertura e fechamento), o encontro da língua com os dentes (construção), a glote, os pulmões, a cavidade nasal etc. (KRISTEVA, 2007).

Ao analisar essa teoria, é possível notar o grande avanço e a enorme importância desses estudos, uma vez que se encontram esses traços de classificação fonética até nos dias atuais, já que continua sendo bastante produtiva. Não se pode ignorar que o conhecimento dessa teoria aconteceu muito tempo depois de sua elaboração e pode ser uma das razões de se tomar essa gramática como base ainda, mas é claro que este fato não se sobrepõe à efetividade teórica.

Posteriormente, quando esse percurso histórico alcançar o século XVIII, será possível analisar as adaptações que os estudos fonéticos sofreram graças ao descobrimento, tradução e estudo dessa gramática, que foram amplamente movidos nesse momento histórico.

1.2 OS SONS DA LÍNGUA SOB O PONTO DE VISTA DE PLATÃO

Assim como a maior parte das ciências atuais, a Linguística também recebeu contribuição do conhecimento da Grécia antiga. A contribuição mais notável e mais conhecida é, sem dúvida, de Platão com o seu diálogo chamado *Crátilo*, que diz respeito a vários aspectos da língua.

Neste diálogo, há três personagens: Sócrates, como o mediador e questionador; Hermógenes, que acredita que as palavras têm origem na convenção social, e Crátilo, o qual acredita que os nomes das coisas surgiram a partir da natureza. Dessa forma, é possível perceber que a oposição básica presente nesse texto é: naturalismo x convencionalismo:

O tema do *Crátilo* é sobre a origem da linguagem e sobre as relações entre as palavras e o que significam: estarão ambas as coisas fundadas numa afinidade entre forma e significado da palavra ou serão resultado de mera convenção ou acordo? As duas posições são discutidas pelos participantes do diálogo, que não chegam, contudo, a uma conclusão definitiva (ROBINS, 2004, p. 14).

O início do diálogo apresenta Hermógenes expondo seu ponto de vista e o Crátilo expondo o ponto de vista dele. Para o primeiro, os nomes são justos de acordo com a convenção que entra em vigor, inclusive, se a convenção permitir uma mudança vocabular, esse novo nome continuará sendo o nome correto. Já Crátilo afirma que os objetos possuem nomes exatos, que foram atribuídos pela natureza.

Sócrates alega que nomear é uma ação, assim é preciso fazê-lo de forma correta para que tenha sua validade e, para isso, é necessário que haja veracidade nas palavras. Para esse filósofo, as palavras só podem ser reais quando forem divulgadas pelos legisladores que tinham o ofício de descobrir os nomes corretos das coisas.

Como para Sócrates as coisas existem por si mesmas, isto é, têm em si a sua essência, o legislador tem o trabalho de investigar qual é o nome exato das coisas, através do acesso à essência delas, e transformar esse nome em sons que podem ser pronunciados por qualquer cidadão da Grécia.

Embora o trabalho do legislador fosse bastante sério e respeitado, Sócrates aponta que as palavras inventadas ou escolhidas pelos legisladores só entraram em vigor após a aceitação e a utilização dos usuários. Isso quer dizer que a participação dos falantes foi de suma importância para seleção vocabular.

É possível perceber que Sócrates se colocou no meio termo entre a natureza, quando o legislador possui o acesso à essência do objeto e descobre seu verdadeiro nome, e, entre a convenção, quando afirma que o nome dado às coisas pelo legislador deve ser aceito pelos falantes da língua.

Por mais que existisse esse trabalho legítimo do legislador, ele ainda se submetia aos deuses, pois os nomes dados por esses eram mais justos, ou mais verdadeiros, do que os nomes dados por aquele, já que a seleção de sons feita pelos deuses era certamente a mais correta e perfeita.

Ao partir para um campo mais específico e mais ligado ao objetivo desse capítulo, há a discussão no diálogo referente às letras. É importante destacar que nessa época não se tinha a noção de fonema, então quando se falava nos sons dentro das palavras se atribuía essa propriedade às letras.

É necessário levar em conta que nesse momento da Grécia, meados do século IV a.C., já havia o alfabeto grego semelhante ao que conhecemos nos dias de hoje, que é considerado fonológico, o que indica que, para a sua instituição, tenha sido necessário um estudo da área. É possível perceber esse estudo na fala de Sócrates ao discorrer sobre algumas letras, além de fazer algumas descrições articulatórias dessas letras/sons.

Sócrates inicia a abordagem das letras/sons, afirmando que os significados que as letras ganharam são imitações das coisas do mundo, cada letra possui no mundo um aspecto para expressar: movimento, viscosidade, formato arredondado etc.

A primeira descrição que ele faz é da letra que corresponde ao nosso ‘R’, primeiro ele faz a descrição articulatória desse som, apresenta a vibração da ponta da língua, e o relaciona com o significado de movimento, rotação ou algo que tenha a significação próxima a essas noções. Para justificar, o filósofo exemplifica, com diversas palavras, que trazem a ideia de movimento e que possuem esse som em sua estrutura.

O mesmo é feito com os sons referentes à letra ‘L’, que para ele indica viscosidade, algo liso, escorregadio, pelo fato de ser um som que indica alguma coisa contrária à dureza. Finalmente, a vogal ‘O’ também foi descrita da mesma forma, porém, por sua vez, representando elementos que possuem a forma redonda ou circular, pela sugestão presente no formato da boca ao produzir esse som (PLATÃO, 1973).

É notável que com essas descrições e relações feitas por Sócrates a intenção presente era a de mostrar que os nomes devem se assemelhar às coisas representadas, porém isso não é o suficiente se não se levar em conta o uso dos falantes, ou seja, há também a contrapartida convencional.

Por fim, a dualidade natureza *versus* convenção não foi completamente resolvida. A forma como Sócrates explicou a nomeação une tanto um ponto de vista como o outro, inclusive de forma que os fizeram interdependentes, pois, segundo ele, sem os

legisladores, que têm acesso à essência das coisas e criam o nome de acordo com ela, ou sem a aprovação e uso dos falantes, esse processo não seria completo.

1.3 O ESTUDO DOS SONS NA GRAMÁTICA DO ÁRABE

Na área da linguística não é muito comum utilizar os povos árabes como base para pesquisas, por diversos motivos: desconhecimento da língua, desconhecimento da existência de teoria linguística em tal cultura, difícil acesso a tais escritos, além da tendência ocidental de voltar os estudos para a própria cultura.

Por se tratar de uma breve apresentação dos estudos ligados aos sons, será exposta aqui uma noção geral de como eram feitos esses estudos pelos povos árabes, principalmente, no século VI, período que pertence à Idade Média, tendo como fonte o livro de Julia Kristeva:

“Entre as grandes aquisições para a reflexão sobre a linguagem na Idade Média, um lugar importante pertence à gramática árabe. Entendemos aqui por gramática árabe as reflexões linguísticas dos povos que, durante a Idade Média, permaneceram sob o domínio do califado” (KRISTEVA, 2007, p. 136).

A língua árabe para seus falantes possuía, e ainda possui, um valor relacionado à religião, visto que, assim como os hindus, os árabes também estudaram e descreveram muito bem a articulação para que pudessem pronunciar suas preces de forma “correta”. Além disso, esta língua também possuía um dever *nacional*, com ligação à sua cultura como um todo (KRISTEVA, 2007).

A coincidência do estudo linguístico árabe com o estudo indiano não se restringe apenas à sua função religiosa. Assim como o estudo dos sons do sânscrito, os árabes puderam sistematizar a divisão dos sons em oito diferentes categorias relacionadas à articulação. Inclusive, acredita-se que tenha havido, realmente, uma influência dos hindus sob os árabes.

Outra influência que se pode notar nos estudos linguísticos árabes vem dos gregos, uma vez que se observa em suas gramáticas a discussão acerca do caráter natural da língua *versus* o caráter convencional da língua, como é possível encontrar no diálogo platônico supracitado.

Os estudos dos árabes relacionados aos sons possuem o diferencial de terem sido mais criteriosos que os feitos até então. Ao se levar em conta que esses povos sempre foram considerados grandes anatomistas, eles fizeram descrições detalhadas do aparelho fonador e também descreveram a movimentação que o ar faz ao se pronunciar os sons. Outro ponto peculiar dos estudos dos árabes é que a teoria linguística deles tinha ligação estreita com a teoria musical (KRISTEVA, 2007).

Eles foram os primeiros a diferenciarem o elemento significado, do elemento fônico (*hart*) e do elemento gráfico (*alāma*), ou seja, foram os primeiros que realmente separaram a noção de letra da noção de som, o que faz uma grande diferença para os estudos linguísticos, uma vez que, na Idade Moderna, a partir dessa reflexão haverá a primeira cogitação relacionado ao alfabeto fonético internacional.

1.4 O ESTUDO DOS SONS NA GRAMÁTICA DE PORT-ROYAL

A *Gramática de Port-Royal*, cuja primeira edição foi escrita em 1660, apresentou inovações até então não encontradas nas teorias ocidentais acerca da língua, porém ainda apresentando questões que já haviam sido resolvidas no oriente (com os árabes) como a divisão efetiva do que é letra e do que é som, o que pode causar dificuldades de leitura a um leitor que não se liberta do anacronismo.

Port-Royal foi um mosteiro na França que, segundo acredita-se, existiu desde o século XII. Porém foi no século XVII que esse recinto pôde contribuir de forma sistemática para a ciência da linguagem, graças ao pensamento racionalista que era corrente lá e que ia contra aos padrões teológicos dominantes e também à tradição gramatical vinda desde o Império Romano, que tinha como objetivos principais classificar as partes da língua e apresentar as regras para falar e escreve bem.

Uma das distinções presentes na gramática de *Port-Royal*, por exemplo, é quanto à organização do livro. No início é dito que a fala diz respeito à explicação dos pensamentos humanos por meio de signos inventados para cumprir esse objetivo. A partir desse conceito os autores dividem os signos em duas partes: a primeira é quanto à natureza dos signos, considerando os sons e caracteres, e a segunda é sobre a significação do signo.

A partir dessa fragmentação do signo é que se organizou a *Gramática de Port-Royal*. A primeira parte aborda temas relativos à materialidade da língua: a fonética, a morfologia, a sintaxe. A segunda parte trata dos temas relacionados à significação, trazendo sempre reflexões filosóficas de cunho lógico, para a explicação desse fenômeno.

A parte referente aos sons foi dividida didaticamente partindo das vogais, depois abordando as consoantes, seguidas pelas sílabas e concluindo com reflexões sobre a compatibilidade dos caracteres com os sons que eles representam. Essa organização é bastante clara e auxilia o leitor a seguir o raciocínio de forma objetiva.

Arnauld e Lancelot (2001), ao tratarem das vogais, utilizam um conceito que é vigente ainda hoje. Tratam as vogais como sons que são produzidos sem oclusão da corrente de ar: “[...] a simples abertura dela [boca] era suficiente para se fazer ouvir e para formar uma voz distinta, fato que levou denominá-las vogais” (p. 9).

Além dessa conceituação geral, a gramática ainda apresenta classificações que remetem à articulação das vogais, trata brevemente do grau de abertura, se a vogal é longa ou breve, se ela é aberta ou fechada. Essas duas últimas categorias, inclusive, levam os autores a questionarem a possibilidade de cada som possuir sua representação escrita:

Embora o *e* aberto e o *o* aberto tenham qualquer coisa de longo e o *e* e o *o* fechado qualquer coisa de breve, contudo essas duas vogais variam mais por serem abertas e fechadas que um *a* ou um *i*, os quais não variam por serem longos ou breves; esta é uma das razões por que os Gregos preferiram criar duas figuras para cada uma dessas vogais e não para as três outras (ARNAULD & LANCELOT, 2001, p.10).

Não só as vogais, as consoantes também foram observadas e conceituadas pelos autores como outro tipo de sons que, para serem produzidos, seria necessário que elementos da boca fizessem parte da articulação:

Viu-se também que havia ainda outros [sons] que, dependendo da aplicação particular de alguma de suas partes, como os dentes, os lábios, a língua, o palato, não podiam de forma alguma produzir um som perfeito a não ser pela própria abertura da boca, isto é, através de sua junção com aqueles primeiros sons [as vogais], e por causa disso foram chamados consoantes (ARNAULD & LANCELOT, 2001, p.9).

Assim como os autores apresentaram uma noção articulatória para as vogais, eles também apresentam para as consoantes, porém com descrição de uma a uma, comparando os caracteres gregos, latinos e hebraicos, tentando encontrar semelhanças e diferenças para os sons que eram representados por aqueles símbolos. A sistematização ainda é precária, mas para a época já imprimia um grande avanço.

Para a formação de uma sílaba, os autores alegam que seja possível utilizar: uma vogal individual; duas vogais, o que os autores já denominam de ditongo, formando, para eles, um som completo. Porém, não seria possível formar sílabas a partir de consoantes desacompanhadas de vogais individuais ou ditongos. Essas constatações ainda são encontradas em teorias da atualidade.

Como já foi adiantado no tópico anterior, na Idade Moderna, quando foi sistematizada a *Gramática de Port-Royal* a separação das noções de som e de letra já havia sido teorizada pelos árabes, porém ainda não era algo absolutamente difundido na ciência, principalmente na europeia, e essa gramática francesa, sem dúvida, auxiliou na propagação desse pensamento.

Há um capítulo na *Gramática* direcionado apenas a essa questão, o capítulo V da primeira parte do livro. Este capítulo traz ao leitor sugestões de como seria para alcançar a perfeição da correspondência ortográfica com a sonoridade, para isso os autores listam quatro aspectos importantes:

1. Que toda figura representasse algum som, isto é, que não se escrevesse nada que não se pronunciasse.
2. Que cada som fosse marcado por uma figura, isto é, que não se pronunciasse nada que não fosse escrito.
3. Que cada figura representasse apenas um som, simples ou duplo. Pois não é contra a perfeição da escrita que haja letras duplas, já que elas, abreviando-a, a tornam também mais fácil.
4. Que um mesmo som não fosse de forma alguma representado por diferentes figuras (ARNAULD & LANCELOT, 2001, p. 20-21).

A fim de complementar essa discussão, é apresentada no livro a importância que algumas letras que não são pronunciadas têm na semântica e na etimologia, levando à reflexão a respeito da diferenciação entre a língua escrita e a língua falada. Os exemplos do livro são as palavras francesas *champs* (campos) e *chants* (cantos), nelas não há a pronúncia do *p* e do *t*, respectivamente, porém, essas letras auxiliam na busca das palavras que lhes deram origem: *campi* e *cantus*.

Embora num primeiro momento os autores tenham sugerido algumas possibilidades de melhora na transposição da escrita para a fala, eles se atentaram para a inviabilidade, inclusive, de inventar quantos símbolos fossem para representar esses diferentes sons. Eles alegaram que seria impossível.

Sem dúvida, as reflexões com relação à diferenciação entre letra e som, língua escrita e língua falada são de suma importância e uma enorme contribuição dos gramáticos de *Port-Royal*, pois ainda nos dias de hoje há muitas questões quanto a esses aspectos linguísticos que ainda incomodam muitos.

1.5 ALGUMAS TEORIAS FONOLÓGICAS DO SÉCULO XIX

As teorias linguísticas que surgiram no século XIX dependeram bastante de fatos ocorridos no século XVIII para se desenvolverem. Um dos fatos mais importantes, senão o mais importante, foi o pronunciamento feito por William Jones, em 1786, a respeito das semelhanças e suposto parentesco entre o sânscrito, o latim, o grego e as línguas germânicas (KRISTEVA, 2007).

A língua sânscrita já havia sido estudada anteriormente a Jones, mas o fato que tornou esse estudo em questão importante foi que, a partir de então, a comparação desta língua com as demais línguas europeias passou a ser sistematizada, não apenas estudos fragmentários. Em 1796, inclusive, foi fundada a Escola de Estudos Orientais, dando início à gramática comparativa (KRISTEVA, 2007).

Ao observar o contexto da época é possível encontrar como linha de pensamento em desenvolvimento o Romantismo, que possuía como uma das características a curiosidade pelo que era exótico, diferente do que era mais recorrente no cotidiano dos europeus. Os estudos linguísticos, seguindo esse pensamento, passaram a se interessar ainda mais pelo sânscrito e por esse estudo histórico-comparativo.

Para auxiliar a linguística histórica, é possível contar com:

[...] o método comparativo, procedimento central nos estudos de linguística histórica. É por meio dele que se estabelece o parentesco entre línguas. O pressuposto de base é que entre elementos de línguas aparentadas existem correspondências sistemáticas (e não apenas aleatórias ou casuais) em termos de estrutura gramatical, correspondências essas passíveis de serem estabelecidas por meio duma cuidadosa comparação. Com isso, podemos não só explicar o parentesco entre línguas (isto é, dizer se uma língua pertence ou não a uma determinada família), como também determinar, por inferência, características da língua ascendente comum de um certo conjunto de línguas (FARACO, 2005, p. 134).

O método comparativo gerou muitos frutos para os linguistas histórico-comparatistas, uma vez que permitia que se comparasse línguas diferentes de tempos diferentes, ou que se comparasse a evolução da língua original, ou do mais próximo que se conseguiu chegar dela, com a sistematização dos estudos do sânscrito, com o estágio atual daqueles estudiosos.

É importante ressaltar que apenas em meados de 1860 é que a gramática comparativa se aproximou da linguística histórica, com o propósito mais evidente de reconstituir com detalhe a evolução das línguas, já que *a priori* tinha o objetivo de comparar línguas sem a maior preocupação temporal (PAVEAU & SARFATI, 2006).

Um grande nome da linguística histórica, no tocante aos estudos fonéticos, é Jacob Grimm. Popularmente conhecido pelo trabalho desenvolvido com o irmão, na coleta dos contos populares alemães, ele também foi um dos primeiros estudiosos da linguagem que desenvolveram leis fônicas, baseando-se na aplicação do método comparativo, partindo da hipótese da língua original, à qual deram o nome de indo-europeu, até as línguas europeias mais modernas.

A regra de mudanças fônicas que Grimm postulou e que, mais tarde, ficou conhecida como lei de Grimm, apresenta que algumas consoantes da língua primitiva, o

indo-europeu, haviam sofrido mudanças, no decorrer dos tempos, nos ramos das línguas germânicas:

Em 1822, Jakob Grimm [...] revelou que existe uma correspondência sistemática entre as consoantes das línguas germânicas, por um lado, e as das outras línguas indo-europeias, por outro. Ele não foi o primeiro a notar tal correspondência: o crédito pela primeira observação original tem que ser atribuído ao erudito dinamarquês Rasmus Rask. Mas o trabalho de Grimm, sendo escrito em alemão, era mais imediatamente acessível ao saber internacional; e a lei sonora que foi postulada para dar conta das correspondências observadas é geralmente conhecida como a lei de Grimm. Reformulada em termos da fonética articulatória moderna [...], a lei de Grimm afirma que: (a) as aspiradas sonoras do proto-indo-europeu (PIE) [**b^h*, **d^h*, **g^h*] tornaram-se oclusivas sonoras [**b*, **d*, **g*] – ou possivelmente fricativas sonoras [**β*, **ð*, **ɣ*] em protogermânico (PGmco); (b) as oclusivas sonoras PIE [**b*, **d*, **g*] tornaram-se oclusivas surdas [**p*, **t*, **k*] em PGmco; (c) as oclusivas surdas PIE [**p*, **t*, **k*] tornaram-se fricativas surdas [**f*, **θ*, **h*] (LYONS, 1987, p. 185).

Muitos outros estudiosos da linguagem se debruçaram, nessa época, sobre o assunto comparar línguas, muitos com objetivos sintáticos ou morfológicos e, sem dúvida, a lei de Grimm foi um grande legado deixado pelos comparatistas no âmbito fonológico, que é o que ponto principal desse capítulo.

Com influência dos estudiosos histórico-comparatistas, nesse mesmo contexto surgiu a linguística românica, que consistia em aplicar os métodos deles às línguas românicas. O fundador e principal autor da linguística românica no século XIX é Friedrich Diez.

Diez confirmou um parentesco genético entre o latim e as principais línguas românicas, assim como os histórico-comparatistas faziam do indo-europeu com o latim, o grego e o sânscrito. Com esse estudo ele pôde postular que as línguas românicas se originaram do latim vulgar e não do latim clássico como acreditavam até então (ILARI, 2008, p. 18).

Outra tese presente nos estudos desse autor é uma contraposição à alegação do filólogo François Raynouard, que alegava que as línguas românicas tinham como ascendente mais próximo a língua provençal. Diez contrapôs essa hipótese com o postulado supracitado (ILARI, 2008, p. 18).

Ainda no século XIX, surgiu outro grupo importante para o campo dos estudos linguísticos, que eram os neogramáticos, que tinham interesses controversos aos

interesses dos comparatistas e historicistas. Os neogramáticos visavam a investigar mecanismos de mudanças linguísticas e não apenas reconstruir estágios anteriores das línguas.

Os neogramáticos não concordavam com as hesitações referentes a algumas mutações fonéticas que eram consideradas pelos comparatistas e historicistas como leis necessárias, como as leis referentes aos estudos matemáticos, biológicos ou físicos. A intenção desse grupo de jovens era acabar com esse tipo de estudos, mas sem desconsiderar a presença da história na análise (KRISTEVA, 2007).

Como consequência das pesquisas e estudos dos neogramáticos, houve a elaboração da lei de Verner, que apresentou algumas falhas presentes na lei de Grimm, uma delas a permissão de uma grande quantidade de exceções, o que os neogramáticos tentavam evitar ao máximo. Porém, é importante ressaltar que Verner alegou que a lei de Grimm era efetiva em certos contextos: quando as consoantes não aconteciam após sílabas fracas, no indo-europeu primitivo.

A lei de Verner consistia em um complemento à lei de Grimm, alegando que caso as consoantes /p/, /t/ e /k/ ocorressem após sílabas fracas, elas não mudariam para /f/, /θ/ e /k/, como o comparatista havia previsto, mas sim para as consoantes /b/, /d/ e /g/. Dessa forma, é possível observar que o ambiente linguístico dos elementos analisados começou a ser visto como condicionante de diferentes mudanças.

Além disso, os neogramáticos também alegavam a regularidade da mudança, ou seja, um tipo de mudança sempre acontecerá segundo leis sem exceções, a transformação fonética sempre acontecerá da mesma forma nas línguas. A única exceção aceita era referente a mudanças fonéticas determinadas por fatores psicológicos, inclusive as diferenças dialetais entrariam nessa categoria (FARACO, 2005).

1.6 ESTUDOS DE WILHELM VON HUMBOLDT ACERCA DOS SONS ARTICULADOS

Embora Humboldt tivesse feito estudos relativos à linguagem no mesmo contexto das gramáticas histórica e comparativa, na teoria deste autor surgiram muitos conceitos e elementos que difeririam das pesquisas que estavam sendo realizadas naquele momento.

Obviamente, ele apresentou semelhanças com os demais teóricos de então, porém com enfoque e metodologia diferentes.

Uma semelhança que Humboldt possuía com os demais estudiosos comparatistas do século XIX é a preocupação em estabelecer a origem da linguagem, porém sua pesquisa não se debruçou sobre comparações com outras línguas simplesmente, mas tentou desenvolver uma maneira em que fosse possível expor o processo da organização linguística (PAVEAU & SARFATI, 2006).

Humboldt dividiu a palavra em matéria e forma. Para ele a forma era como os conceitos se constituem e a maneira como esses conceitos devem ser compreendidos em determinados contextos; já a matéria seria o somatório de impressões sensíveis, dentre elas os sons, mais as interferências culturais que a língua traz consigo. Ao observar esses conceitos, pode-se inferir que, para a elaboração desse capítulo, o que será mais importante é a matéria.

Assim presentes nos estudos histórico-comparativos e neogramáticos, Humboldt também elaborou leis fonéticas, mas com objetivos diferentes daqueles. Nesse autor as leis fonéticas não postulam regras referentes às mudanças fonéticas sofridas com o passar do tempo, mas por questões relacionadas aos falantes e também com relação ao próprio desenvolvimento da língua:

As transformações fonéticas estão submetidas a duas leis que se opõem e se apoiam. A primeira delas é a natureza orgânica do aparelho articulatório e seu funcionamento em conjunto, em que atua a natureza dos sons a serem articulados: se esses sons são fáceis ou difíceis de serem pronunciados, e a proximidade articulatória dos sons da língua com os quais o novo som entra em contato. A tendência é sempre afinar os sons uns aos outros para facilitar a pronúncia (MILANI, 2012, p. 40).

Essa primeira lei diz respeito à possibilidade que um falante tem de reproduzir um determinado som articulado. Essa mudança ocorre pela identificação de um som não presente no repertório de um falante e este, a fim de conseguir se comunicar, reproduz aquele som a partir de outros semelhantes presentes em sua língua nativa. Aqui a semelhança é quanto à área articulatória.

Um exemplo claro para essa lei é de um brasileiro que ao ouvir um falante de língua inglesa agradecer utilizando o vocábulo “thanks” substitui ou adapta o fonema /θ/,

que não há em português, por alguns fonemas de articulação semelhante como /s/ ou /f/, que assim como o fonema do inglês são fricativas surdas.

A outra lei diz respeito às mudanças fonéticas internas à língua, regidas pelo princípio espiritual dela, que, segundo Humboldt (1990 apud MILANI, 2012, p. 40), já tem os sons selecionados. Essas mudanças estarão submetidas ao que já existe na língua, não possibilitando a inserção de outros elementos apenas por facilidades articulatórias.

Humboldt confere aos sons a importância de serem os responsáveis por possibilitar a precisão dos conceitos. Para ele, é preciso que haja concatenação eufônica, ou seja, é necessário que os sons combinem harmonicamente, dentro da língua em questão, para que o conceito se torne absolutamente preciso (MILANI, 2012, p. 42).

Os elementos da fala e do pensamento para Humboldt são sempre inseparáveis, uma vez que para o autor:

Nenhum pensamento, nem o mais puro, pode ocorrer sem o auxílio das formas de nossa sensibilidade; apenas com elas podemos apreendê-lo e, ao mesmo tempo, retê-lo. [...] A linguagem começa, por isso, imediata e simultaneamente ao primeiro ato da reflexão, e, assim que o homem acorda para a consciência-de-si a partir das profundezas do impulso, por meio do qual o sujeito engole o objeto, ali está a palavra – ao mesmo tempo, o primeiro travo que o homem dá a si mesmo, para de repente parar, situar-se e orientar-se (HUMBOLDT, 2009, p. 197).

A união de pensamento e fala para Humboldt prevalece, inclusive, nos elementos mais básicos desta, nos sons, e é só a partir destes que é possível o desenvolvimento de um conceito:

Para alcançar a nitidez, a atividade intelectual precisa se tornar sons linguísticos. Sem esse processo de um no outro, o pensamento não se formaria com nitidez, porque o pensamento precisa de ressonância dos sons para se desenvolver, e assim, a representação do pensamento pelos sons torna-se conceito (MILANI, 2012, p. 42-43).

Fica bastante claro que para este autor só há pensamento se houver língua, pois aquele se manifesta através dela e, como os sons também fazem parte da língua, Humboldt os tratou com uma maior profundidade e utilizando uma metodologia diferente do que havia se visto até então.

Primeiramente, Humboldt denomina os sons da fala humana como sons articulados, que diferem dos outros sons presentes na natureza. Para diferenciar os sons humanos dos sons animais, ele alega que os homens utilizam a intencionalidade para produzir seus sons, pois compreendem que uma produção tem a capacidade de significar determinada coisa, diferentemente dos animais, que realizam sons instintivamente:

Tais sons [os sons articulados] não existem no resto da natureza, pois ninguém, exceto o homem, convida seus pares para o entendimento por meio do pensamento compartilhado; no máximo, convida para a ação por meio da sensação compartilhada. O homem, portanto, não acolhe em sua linguagem nenhum som natural isolado, em estado bruto, tal como é, mas sempre forma apenas sons articulados semelhantes aos naturais. Ele diferencia muito bem seus próprios gritos relativos às sensações da linguagem; e, nisso, a sensibilidade conduz muito corretamente mesmo os mais civilizados. Se não puder mais pensar, se já não puder separar-se do objeto na representação, então emite um som natural; caso contrário, fala e eleva o tom de acordo com suas afecções (HUMBOLDT, 2009, p. 198).

Outras questões apresentadas relacionadas à ideia de articulação é que Humboldt afirma que a capacidade de articulação do homem é inata, por isso apenas existe em meio aos seres humanos; outro tópico que leva em conta a articulação é que os seres humanos se comunicam através da articulação e não do som, o som é apenas um instrumento que facilita a percepção dessa articulação (ROBINS, 2004).

Assim como em muitos outros contextos foi possível notar que Humboldt divide os sons articulados em consonânticos e vocálicos, porém alegando que esta separação de sons é artificial, já que para ele a sílaba é constituída por um único som que é indivisível pelo ouvido humano, assim formando uma unidade (MILANI, 2012, p. 51).

Independentemente de sua opinião em relação à artificialidade da classificação de vogais e consoantes, Humboldt conceitua esses sons, assim como outras teorias o fizeram, porém de forma peculiar:

Os sons articulados dividem-se em consonânticos e vocálicos. Os sons vocálicos são corrente de ar que conferem aos sons consonânticos a sonoridade necessária para que eles possam ser pronunciados, ou se tornarem audíveis. A sonoridade vocálica varia de tonalidade e altura de acordo com a abertura e fechamento da boca e o lugar onde se produz (MILANI, 2012, p. 50-51).

Embora exista essa classificação, Humboldt acredita que nem as vogais e nem as consoantes podem ser pronunciadas independentes uma da outra. Para ele, mesmo que haja uma sílaba, aparentemente, formada apenas por vogal, é necessário que tenha uma consoante de apoio para que haja um impulso inicial, incapacitado pela presença de uma vogal sozinha (MILANI, 2012, p. 51).

1.7. O ESTUDO DOS SONS EM FERDINAND DE SAUSSURE

Um nome muito importante, não só para a linguística, mas para as ciências humanas do fim do século XIX e início do século XX é Ferdinand de Saussure. Um de seus feitos mais significativos foi o de consolidar a Linguística como ciência, definindo suas categorias e separando-a de outras ciências, sendo possível estudá-la de forma independente das demais (MILANI, 2011, p. 46).

Para que essa separação fosse possível e notável, era preciso que Saussure conhecesse muito bem os elementos que eram de responsabilidade dos estudos linguísticos e, ao analisar o que já se tinha feito na área da linguagem até então, ele percebeu que nenhuma corrente tinha discorrido sobre o que ele considerava o real objeto da linguística, que é a língua (MILANI, 2011, p. 50).

Como qualquer teoria criada ou desenvolvida, este estágio da ciência linguística também sofreu fortes influências de seu contexto histórico, o qual tendia a se afastar ao Transcendentalismo, próprio das escolas literárias e teorias científicas idealistas que tiveram origem a partir do pensamento kantiano no século XVIII, que inspirou os antepassados de Saussure. No fim do século XIX, havia uma corrente que se opunha a esse Transcendentalismo, o Cientificismo, que possibilitou o autor alegar que não havia espaço para abstração ou metafísica na língua e que o sistema constitutivo da língua deveria ser de formas concretas, assim como a própria língua (MILANI, 2011, p. 49).

Com essa alegação, o linguista genebrino se contrapôs aos histórico-comparatistas que em muitas ocasiões deduziram formas linguísticas completamente abstratas, com poucos fundamentos concretos, trazendo aos estudos linguísticos elementos impalpáveis, que para ele não se encaixariam mais nessa ciência.

Embora houvesse oposição dos estudos saussurianos aos comparatistas, esse linguista defendeu que o que ele considerava como a verdadeira linguística teve como ponto de partida os estudos histórico-comparativos das línguas germânicas e também os das línguas românicas. Para Saussure esses estudiosos conseguiram se aproximar de forma mais efetiva do objeto da ciência linguística: a língua, neste momento com a apresentação do processo evolutivo dela exemplificado com alguns idiomas (MILANI, 2011, p.74).

É possível encontrar alguns dos aspectos tratados acima na obra mais conhecida do pensamento saussuriano que é o *Curso de Linguística Geral*, que se trata de uma obra póstuma escrita por discípulos de Saussure com anotações feitas nos cursos de verão lecionados pelo autor genebrino.

O *Curso de Linguística Geral* procura estabelecer uma sistematização da Linguística, organizando os elementos necessários para que ela pudesse ser considerada, então, uma ciência. Para isso, o livro e, provavelmente os cursos também, se inicia com a história da linguística, parte em que o autor apresentou estudos da linguagem que ainda não poderiam ser considerados como linguística, pois não tratavam do objeto linguístico em si, que seria a língua.

Após esse primeiro momento introdutório, que apresenta a problematização das pesquisas feitas na área da linguagem, o livro delimita o objeto de estudo, explica o porquê de a língua ser o objeto da linguística, dá o conceito desse objeto e a partir daí começa a esmiuçá-lo, por diferentes vertentes. Porém, as que cabem ser estudadas neste capítulo são referentes aos estudos dos sons das línguas.

Importante sempre recordar que Saussure, para sistematizar a ciência linguística, utilizou conceitos e teorias de autores anteriores a ele, organizando tais elementos a fim de resultar em uma ciência coerente e repleta de referências. É possível reconhecer ideias de Humboldt, anteriormente abordado, e também de Whitney¹, em seus trabalhos.

Sabe-se que a organização teórica saussuriana é constituída por algumas dicotomias, uma delas, que vai auxiliar bastante na discussão referente aos estudos dos sons, é a que diz respeito à língua e à fala. Para expô-la Saussure alega que o estudo da

¹Estadunidense de Northampton, Massachussets. É considerado um neogramático e a sua principal obra *The life and Growth of language* está inserida no contexto da segunda metade do século XIX. Segundo Milani (2011) é a principal fonte referencial dos estudos saussurianos.

linguagem se divide em duas partes: uma que é essencial, social, unicamente psíquica e que não depende do indivíduo, que seria a língua; outra que seria secundária, individual e que é psicofísica, que seria a fala (SAUSSURE, 2012, p. 51).

Um olhar desatento a essa dicotomia poderia resultar na conclusão de que os estudos dos sons se encaixariam apenas no segundo elemento, a fala, porém Saussure subdivide os estudos dos sons em fonética e fonologia e os conceitua encaixando cada um desses elementos em uma categoria diferente da dicotomia fala x língua: “O primeiro [fonética] é uma das partes essenciais da ciência da língua; a Fonologia, cumpre repetir, não passa de disciplina auxiliar e só se refere à fala” (SAUSSURE, 2012, p. 67).

Para que pudesse adequar esses elementos, o autor, anteriormente, apresenta as definições de fonética e fonologia de uma forma mais clara:

A fisiologia dos sons [...] é frequentemente chamada de “Fonética” [...]. Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *Fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções do sons; não se deveriam confundir no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A Fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A Fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo (SAUSSURE, 2012, p. 67).

Saussure critica os estudiosos antigos do som, pois baseavam seus estudos apenas na ortografia, nas letras. Para o autor, isso não era mais válido, uma vez que os sons deveriam ser estudados através deles mesmos, pois já havia a consciência de que a escrita e a fala não apresentavam, na prática, correspondências absolutas.

Assim como na *Gramática de Port-Royal*, os estudos saussurianos também possuíam vislumbres a uma escrita fonológica. A diferença presente nesses dois momentos é que na época de Saussure se tinha a ideia de que essa escrita poderia ser efetivada e, inclusive, ele apresentou que já existiam algumas tentativas de criação dessa escrita fonológica. Essa proposta seria para uso dos linguistas e não para uso geral.

Saussure utiliza o conceito de som articulado de Humboldt a fim de diferenciar os sons animais dos sons humanos, mas ao fazer uma análise sonora, Saussure denomina esse elemento de dado acústico, que pode ser percebido numa cadeia de fala ouvida. Se a cadeia de fala aparentar ser homogênea, pode-se notar um único dado acústico, caso a cadeia de fala for heterogênea haverá mais de um som (SAUSSURE, 2012 p. 76).

Com esse tratamento do som, pode-se observar que Saussure utilizou a noção acústica, como o portador da possibilidade de delimitar uma cadeia sonora, porém ele considerou o aspecto articulatório também, uma vez que afirma que só é possível fazer uma análise do som utilizando as noções articulatórias (SAUSSURE, 2012, p. 77).

Há nessa discussão o conceito de fonemas dado por Saussure, que são as primeiras unidades a que se chega ao fragmentar a cadeia da fala, o fonema é também : “a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra [...]” (SAUSSURE, 2012, p. 77).

Antes de ser apresentada a classificação dos fonemas, é exposto o aparelho articulatório com os diversos órgãos que participam da fonação, assim como a função que cada um desses órgãos exerce no momento da articulação da fala. O aparelho articulatório exibido apresenta a cavidade nasal, a cavidade bucal, a laringe, as cordas vocais, a glote, os lábios, a língua, os dentes, o palato e a úvula (SAUSSURE, 2012, p. 78).

O *Curso de Linguística Geral* inova na classificação dos sons, pois não utiliza apenas os pontos de articulação como os critérios classificatórios, vai utilizar a articulação bucal, que é a observação do grau de abertura da boca ao se pronunciar os sons da língua, neste caso, este critério não é utilizado apenas para as vogais.

A abertura 0 faz referência às consoantes oclusivas; a abertura 1 refere-se às fricativas, também chamadas de expirantes; abertura 2 se refere às consoantes nasais, abertura 3 às líquidas, tanto as laterais, como as vibrantes; abertura 4 para as vogais i, u e ü; abertura 5 e, o e ö; abertura 6 para a vogal a, que representa a abertura máxima.

As contribuições de Saussure para os estudos dos sons não se limitaram apenas aos escritos no *Curso de Linguística Geral*. Ele também contribuiu estudando as vogais do indo-europeu assim como fizeram os comparatistas, com a finalidade de resolver algumas questões que ainda estavam em aberto. Com isso ele escreveu em sua dissertação de mestrado que, diferentemente do que os comparatistas acreditavam, o indo-europeu possuía 4 vogais e não 3.

Saussure finda a sequência de autores selecionados para constituir esse percurso que teve como objetivo explicitar as mais diferentes formas de estudo dos sons da fala no decorrer da história. Pôde-se observar que o mesmo objeto de estudo permite diversas

metodologias, graças a diferentes propósitos, de acordo com cada momento histórico e cultura.

O próximo capítulo dá continuidade a esse percurso, representando uma das possibilidades de se fazer um estudo dos sons nos dias atuais, utilizando autores contemporâneos brasileiros e estrangeiros como Mattoso Câmara Jr., Ladefoged, Edward Lopes, entre outros grandes nomes da linguística atual.

CAPÍTULO 2

REALIZAÇÕES VOCÁLICAS PRESENTES NO PORTUGUÊS DO SUL DE GOIÁS

Neste capítulo as questões fonológicas das vogais serão tratadas, tendo como *corpus* os dados coletados na região sul de Goiás. O início do capítulo consiste em apresentar as vogais. Primeiro se construirá, com o auxílio de teóricos renomados da área, um conceito abrangente sobre os sons vocálicos.

Ainda nessa seção, haverá a classificação das vogais quanto ao grau de abertura da cavidade oral; quanto à posição da língua na boca, levando em conta o eixo horizontal; quanto à posição dos lábios e quanto à nasalidade.

A próxima seção sairá das questões teóricas e trará o levantamento de dados do *corpus* e realizará uma análise das possibilidades fonológicas encontradas para o “o” ortográfico em posição pré-tônica.

A terceira parte deste capítulo apresentará uma breve explanação quanto às sílabas, contendo a conceituação, a classificação quanto sua constituição: sílabas simples, sílabas completas e sílabas travadas, discorrendo principalmente sobre esta última, já que o fenômeno analisado possui essa estrutura.

Por fim, haverá o levantamento de respostas que possuem o segmento “-gem” no final das palavras e será observada e analisada a constituição delas.

2.1 O RECONHECIMENTO DAS VOGAIS

Os sons vocálicos são basicamente definidos como aqueles sons produzidos a partir da passagem de ar livre pela cavidade oral, ou seja, sem nenhum tipo de obstrução. Este conceito é encontrado em manuais de linguística, como em Silva (2013), dicionários direcionados a esta área, exemplo Trask (2011), assim como livros teóricos que abordam o assunto, Câmara Jr. (2010). Porém, há muitos outros aspectos essenciais que caracterizam os sons dessa natureza.

Ladefoged e Maddieson (1996) afirmam que as vogais são fonemas que podem ser pronunciados sozinhos, além de alegarem que, em muitas línguas, as vogais podem constituir uma palavra. Os autores ainda acrescentam a ideia de que as vogais são sons silábicos, ou seja, são sons que ocupam o núcleo de uma sílaba².

Callou e Leite (2000) de maneira bastante didática estabelecem diferenças entre os sons vocálicos e os sons consonantais:

As vogais são sons produzidos com o estreitamento da cavidade oral devido à aproximação do corpo da língua e do palato sem que haja fricção de ar. As vogais se opõem às consoantes por 1) serem acusticamente sons periódicos complexos; 2) constituírem núcleo de sílaba e sobre elas poder incidir acento de tom e/ou intensidade (CALLOU & LEITE, 2000, p. 26).

Assim como as autoras supracitadas, Lopes (2007), também de forma didática, compila propriedades que são características dos sons vocálicos:

a) as vogais apresentam o maior abrimento dos órgãos articulatórios: a boca fica normalmente aberta ou entreaberta ao se pronunciar uma vogal; b) as vogais apresentam o maior número de vibrações das cordas vocais por unidade de tempo (ou seja, têm a maior frequência); c) as vogais são os únicos fonemas em português a integrar o centro da sílaba (LOPES, 2007, p. 111).

Ao unir todas essas informações, é possível formar um conceito para os sons vocálicos de forma mais abrangente e menos superficial, levando à reflexão de que os sons vocálicos são facilmente produzidos, definidos e identificados.

Mesmo que as vogais sejam pronunciadas pela passagem livre do ar pela cavidade oral, são perceptíveis diversas naturezas qualitativas desses sons, e para que isso seja possível é importante notar que eles possuem classificações quanto à produção. As classificações mais encontradas, como meio de oposição, em sistemas vocálicos do mundo são: o grau de abertura da cavidade oral, a posição da língua na boca (quanto ao

² A discussão sobre a possibilidade de as vogais serem silábicas passou por Câmara Jr. (2011), que nega a exclusividade das vogais serem o centro das sílabas. Para o linguista brasileiro é possível que uma consoante ocupe esse espaço. Como argumento é utilizada a palavra inglesa *bottle*, cuja transcrição oferecida foi /botl/, dessa forma com a consoante líquida /l/ ocupando o núcleo silábico.

eixo horizontal) e por último a posição dos lábios (LADEFOGED & MADDIESON, 1996).

A primeira categoria a ser analisada diz respeito ao grau de abertura da cavidade oral, que influencia na altura que a língua se posiciona para produzir os sons vocálicos. Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), se uma língua possui apenas duas diferenças fonológicas nas vogais, as diferenças ocorrerão preferencialmente nessa categoria (LADEFOGED & MADDIESON, 1996).

O quadro dos símbolos vocálicos proposto pelo IPA apresenta sete graus de abertura da cavidade oral, o que não significa que todas essas possibilidades estejam presentes concomitantemente em apenas uma língua. É possível que haja a comutação entre esses níveis em torno de duas a quatro oposições em cada língua (LADEFOGED & MADDIESON, 1996).

Ao observar a língua portuguesa, Silva (2013, p. 79) indica quatro possibilidades: vogais altas, que são aquelas que ao serem produzidas a língua se encontra próximo ao palato; vogais médias-altas, as quais para serem pronunciadas a língua se abaixa um pouco, em relação à classificação anterior; vogais médias-baixas são as do terceiro nível de abaixamento; por último, as vogais baixas, as quais são produzidas quando a língua está bastante distante do palato.

A classificação de Silva (2013) levou em conta o timbre³ das vogais. Quando a autora apresenta os níveis médias-altas e médias-baixas existe a relação com a frequência do timbre, sendo que o primeiro tipo traz um som mais grave, como nos casos do /e/ e do /o/, logo, com a frequência menor, e as últimas são mais agudas, como em /ɛ/ e em /ɔ/, com a frequência maior.

Câmara Jr. (2010) também utiliza o timbre na classificação da altura das vogais, porém o autor utiliza uma terminologia divergente da supracitada. O autor denomina as vogais médias-fechadas de médias de 1º grau e as vogais médias-abertas de médias de 2º grau.

³ “Consiste o timbre em certos sons secundários ou acessórios que seguem o principal e aos quais se dá o nome de harmônicos. É esta qualidade que torna um som acusticamente distinto de qualquer outro da mesma altura, intensidade ou quantidade. Os instrumentos musicais têm cada um o seu timbre especial, o que nos permite distinguir, ainda que de longe, se o som é de uma flauta ou de um clarinete” (COUTINHO, 1972, p. 87).

Já na classificação dada por Lopes (2007), o timbre não possui espaço nesse critério, uma vez que ele afirma que o timbre não pode ser observado no modelo articulatório, já que faz parte do modelo acústico, se referindo apenas à audibilidade da frequência dos sons, não servindo, então, para objetivos de descrição articulatória.

Para Lopes (2007), os níveis existentes para esse critério classificatório são: as vogais altas, as quais são produzidas com a língua se aproximando ao palato; vogais médias são as vogais cuja posição da língua é no meio da cavidade oral; e as vogais baixas, aquelas pronunciadas com a língua distante do palato.

De acordo com Câmara Jr. (2010) e Silva (2013) a vogal /a/ é classificada como vogal baixa, /ɔ/ e /ɛ/ são consideradas vogais médias-abertas, já /o/ e /e/ são chamadas de vogais médias-fechadas e, por fim, as vogais /u/ e /i/ são as vogais altas. A modificação que a classificação de Lopes (2007) sofre é que /ɔ/, /ɛ/, /o/ e /e/ são definidas todos como vogais médias, sem nenhuma outra especificação.

Outro critério capaz de classificar as vogais é o que considera a posição da língua na boca, quanto ao eixo horizontal. Essa categoria é mais simples que a anterior, visto que possui apenas três níveis de variação e na língua portuguesa do Brasil é possível encontrar todos esses níveis.

As categorias existentes nesse critério são: as vogais anteriores ou palatais, que quando produzidas a língua se projeta em direção aos dentes anteriores ou aos lábios; há também as vogais centrais, quando a língua está posicionada em um ponto neutro, no centro da boca; por último, as vogais posteriores, que são pronunciadas quando a língua se encontra mais recolhida, no fundo da boca (SILVA, 2013).

Segundo Lopes (2007), no português, a localização da língua no eixo horizontal não corresponde a um aspecto distintivo da nossa língua, uma vez que não há vogais que se oponham simplesmente por uma ser anterior e outra posterior. Para que haja esse tipo de oposição é necessário que haja outro aspecto envolvido na vogal, como o arredondamento dos lábios, por exemplo. A classificação dessa categoria em português considera que as vogais /i/, /e/ e /ɛ/ sejam vogais anteriores, o fonema /a/ central e /u/, /o/ e /ɔ/ posteriores.

Mais um aspecto existente para a descrição dos sons vocálicos é o do arredondamento dos lábios, ou posição dos lábios. Neste critério há duas classificações:

vogais arredondadas ou vogais não-arredondadas. As primeiras vogais são as que, ao serem produzidas, os lábios ficam arredondados; as outras são as vogais as quais são pronunciadas com os lábios distendidos.

Na língua portuguesa é possível perceber que essa classificação está relacionada ao eixo horizontal da língua na boca. As vogais anteriores são não arredondadas e as vogais posteriores são produzidas com arredondamento dos lábios. As vogais /i/, /e/, /ɛ/ e /a/ são vogais não-posteriores, logo, não-arredondadas, sendo as três primeiras, como já foi explicitado, anteriores, e a última central. Já os fonemas /u/, /o/ e /ɔ/ são vogais posteriores e arredondadas.

Tem-se em português outra classificação, bastante produtiva para as vogais, que é quanto à sua nasalização. Porém é um tema de grande polêmica entre os linguistas do Brasil, visto que há pontos de vista divergentes a respeito desse assunto. Edward Lopes (2007) é a favor da existência das vogais nasais, que também possuem produção de forma semelhante às orais, exceto pela ressonância do som pelas vias nasais: “Vogais são fonemas sonoros resultantes da livre passagem da corrente de ar para a boca ou para a boca e as fossas nasais, órgãos estes que atuam como simples caixas de ressonância” (LOPES, 2007, p. 111).

O autor alega que a língua portuguesa possui verdadeiras vogais nasais, ou seja, as vogais que se produzem pelo abaixamento do véu palatino e que faz com que o ar se desloque até as fossas nasais e que lá haja ressonância. Ele ainda caracteriza as nossas *vogais nasais* em vogais centrípetas, ou seja, aquelas que possuem o timbre fechado. Para ele essas vogais podem ser representadas como /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/ e /ũ/.

Câmara Jr. (2011) faz uma discussão acerca das vogais que ao serem produzidas causam ressonância nas fossas nasais. Para este linguista brasileiro, é necessário que haja a diferenciação das vogais que apenas sofrem influência de uma consoante nasal presente na próxima sílaba, daquelas as quais possuem uma nasalidade distintiva. O autor dividiu esses tipos de nasalidade em fonética, aquela que é meramente sonora, sem distinção significativa⁴, e nasalidade fonológica, que já envolve mudanças de significado.

⁴ Quando fala-se aqui que essa nasalidade não possui distinção significativa, está se levando em conta questões descritivas, formais, sem entrar no âmbito sociolinguístico, onde haveria sim uma distinção significativa.

Para a transcrição fonética das vogais chamada “nasais”⁵ que podem acarretar distinção, Câmara Jr. (2011) sugere a utilização do arquifonema nasal, representado pelo símbolo /N/. O autor alega que: “Trata-se [...] de um arquifonema /N/, que se realiza como /m/ diante de consoante labial na sílaba seguinte, como /n/ diante de consoante anterior nas mesmas condições e como um alofone [ɲ] posterior diante de vogal posterior: *campo, lenda, sangue*” (CÂMARA Jr., 2011, p. 58).

Câmara Jr. ainda afirma que: “[...] é preferível partir do arquifonema nasal /N/ como fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal.” A representação da nasalização das vogais para ele seria, então, transcrita como: /aN/, /eN/, /iN/, /oN/ e /uN/, trazendo a presença da nasalidade através da representação do arquifonema juntamente com a vogal (CÂMARA Jr, 2011, p. 59).

Silva (2013) trata o aspecto nasal nas vogais diferenciando-as em: vogais que sofrem o processo de nasalização e as vogais que sofrem o processo de nasalidade. Nas primeiras a não articulação da vogal nasal causa distinção de significado, como é possível observar em ‘lá’ [la] e ‘lã’ [lã], a ausência do elemento nasal causa mudança na palavra produzida.

As vogais que passam pelo processo de nasalidade são aquelas que não causam distinção de significado, ou seja, a variação linguística é que determina a presença ou a ausência de nasalidade. Um caso clássico para se observar no português brasileiro é da palavra ‘banana’. Como há duas consoantes nasais na palavra é possível perceber assimilação em via de regra na segunda sílaba, mas há também a possibilidade de a primeira sílaba sofrer influência da consoante nasal da sílaba seguinte: [bã'nãɲə]. Essa nasalidade ocorre quando há a assimilação de uma consoante nasal da sílaba seguinte na vogal da sílaba anterior.

Resumidamente, é possível encontrar as classificações de cada vogal do português brasileiro na tabela seguinte:

Vogais orais				
	Anteriores	Central	Posteriores	
Alta	/i/		/u/	Alta
Média/alta	/e/		/o/	Média/alta

⁵As aspas utilizadas têm a intenção de manter a opinião de Câmara Jr., presentes em *Estrutura da língua portuguesa*.

Média/baixa	/ɛ/		/ɔ/	Média/baixa
Baixa		/a/		Baixa
Arquifonemas nasais				
	Anteriores	Central	Posteriores	
Alta	/iN/		/uN/	Alta
Média/alta	/eN/		/oN/	Média/alta
Média/baixa				Média/baixa
Baixa		/aN/		Baixa

2.2 REALIZAÇÕES FONÉTICAS DO FONEMA /O/⁶

A análise aqui apresentada utilizou como *corpus* respostas resultantes das entrevistas feitas para a elaboração do ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás (2015). As entrevistas, que eram da modalidade fechada⁷, tinham como base o questionário com perguntas fundamentadas pelo ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, além de outras questões inseridas que abordam a realidade rural bastante presente no interior do estado de Goiás.

Para a execução do então projeto ALINGO, em 2012, os professores Sebastião Elias Milani e Tânia Ferreira Rezende convocaram alguns alunos de graduação e pós-graduação para cursos teóricos de estudos dialetológicos e sociolinguísticos. Essas reuniões serviram de aporte teórico para que os pesquisadores compreendessem a amplitude do projeto.

Após a teoria veio a prática, nesse caso com as viagens pelos mais diversos municípios do estado de Goiás, com o objetivo de conseguir alcançar todas as regiões. Para a coleta de dados, como já foi mencionado, foi utilizado o mesmo questionário,

⁶ Este capítulo teve como piloto o artigo publicado na revista Web-Socioleto da Universidade Estadual do Mato-Grosso do Sul: *Possibilidades fonéticas do “O” ortográfico em Goiás* (PINHEIRO & MILANI, 2014).

⁷ As entrevistas feitas com questionário fechado são aquelas em que as perguntas visam a respostas objetivas. Neste caso, foi utilizado para que os entrevistados respondessem às questões com as palavras que, na opinião dele mais se encaixassem no conceito presente na pergunta, pois assim haveria a possibilidade de eles realizarem aquela palavra selecionada do seu vocabulário de acordo com sua variedade linguística.

exceto na primeira viagem, pois a partir dela foi possível aprimorá-lo. Nessa primeira fase do projeto ALINGO o foco era na documentação fonético-lexical, por isso o inquérito utilizado era o fechado, que visava a respostas diretas, o que não impediu que surgissem diversas narrativas.

A região sul de Goiás foi a selecionada para o recorte territorial, *a priori*, pois se pretendia estabelecer relações entre o falar desse local com o falar do triângulo mineiro. Porém o projeto inicial sofreu modificações, já que não foi possível encontrar dados mineiros em larga escala. A mudança do projeto não impediu o trabalho com o sul de Goiás, entretanto com novos objetivos.

Esta região escolhida possui uma história bastante peculiar, uma vez que durante muito tempo de história de Goiás, ela se apresentou apenas como passagem dos bandeirantes e tropeiros para que chegassem ao norte do estado e ao atual estado do Tocantins.

Durante o Brasil Colônia, o estado de Goiás começou a ser desbravado a partir da busca pelo ouro, no período da mineração. Como os bandeirantes tinham encontrado sidos bem sucedidos em Minas Gerais e no Mato Grosso, acreditavam que havia a possibilidade de achar o metal precioso em território goiano (PALACIN & MORAES, 2008).

No período da mineração, o sul de Goiás não teve muito sucesso, já que foram encontradas poucas jazidas de ouro, porém foi se desenvolvendo em um primeiro momento enquanto posto de abastecimento para as pessoas que ali passavam.

O progresso desta região só se deu efetivamente no início do século passado, através de sua agricultura que se desenvolveu muito bem, graças aos rios presentes em seu redor, fazendo com que os solos fossem bastante férteis. Outro fator que contribuiu para esse desenvolvimento foi a construção da estrada de ferro que passava por boa parte do sul de Goiás, que poderia auxiliar no transporte dos produtos oriundos de lá. (PALACÍN & MORAES, 2008)

Desde tal data a sociedade do sul de Goiás mantém como uma de suas principais fontes de renda a agropecuária, porém no início dos anos 90 e mais fortemente dos anos 2000, essa área passou a ter bastante importância industrial, visto que foram instaladas algumas montadoras de automóveis.

Como não houve coleta em todas as cidades do sul de Goiás, procurou-se abranger as maiores cidades da região e suas adjacências, além da fronteira com o estado de Minas Gerais. As cidades pesquisadas foram: Orizona, Pires do Rio, Ipameri, Catalão, Três Ranchos, Corumbáiba, Buriti Alegre, Caldas Novas, Mineiros, Rio Verde, Jataí, Itumbiara, Cachoeira Dourada, Quirinópolis, São Simão, Edéia, Paraúna e Vianópolis, que podem ser observadas no mapa abaixo.



Mapa 1. Mapa do Estado de Goiás. (MILANI et. al., 2015).

As palavras selecionadas para serem analisadas estão entre as transcritas e presentes no ALINGO (2015). A eleição das entrevistas para o livro se deu a partir da

qualidade das entrevistas, ou seja, aquelas a que os entrevistados responderam grande parte das perguntas; e também pela qualidade das gravações.

Com a finalidade de trazer maior validade para a análise, utilizou-se respostas que se repetiram muitas vezes, possibilitando, assim, a observação de diversas realizações possíveis. As palavras aqui apresentadas são respostas das seguintes perguntas: “Como chama aquele barulho que faz quando chove?”, “Como chama aquela água que se encontra nas plantas de manhã?”, “Como chama o osso pontudo que fica entre o pé e a perna?”, “Como chama aquele ar preso que passa com um susto?” e “Como chama a parte embaixo do braço?”.

A primeira observação a ser feita com relação aos aspectos linguísticos descritivos é quanto às possibilidades fonéticas para o fonema /o/ na posição pré-tônica presentes no falar da região selecionada.

Com o objetivo de encontrar possibilidades fonéticas para um fonema em questão, um pesquisador tende a induzir que os pares suspeitos⁸ podem ser as únicas variações que uma produção pode sofrer, ou as principais. Porém, a seguir serão apresentados resultados que não seguem essa regra, o que amplia a quantidade de alternativas executáveis (em determinados contextos).

Um conhecimento básico de fonologia permite deduzir que durante a análise desse objeto proposto apareça a neutralização, pois ela ocorre quando sons foneticamente semelhantes deixam de ter oposição fonológica entre si, apenas em certos contextos, mantendo a oposição fonológica nos demais contextos (CAGLIARI, 2002).

Como exemplificação da neutralização em língua portuguesa tem-se o [s] e o [z], que são sons foneticamente semelhantes, diferenciando-se apenas quanto à sonoridade na produção de cada um, sendo o primeiro surdo e o segundo sonoro. Quando os fones em questão são colocados em início de sílabas é evidente a diferença entre eles, como em [selv] e [zelv], representando, então, dois fonemas diferentes /s/ e /z/.

Já quando em final de sílabas, em meio de palavras, diante de consoantes, é observável que o [s] ocorrerá, principalmente, antes de consoantes surdas, como no caso

⁸ Um par suspeito é um par de sons que possuem uma ou mais propriedades fonéticas semelhantes. Tem-se como exemplo: [e] e [i], o que as diferencia é apenas o grau de abertura da boca, sendo [e] uma vogal oral, anterior, média-alta (ou média-fechada), não-arredondada e [i] uma vogal oral, anterior, alta, não arredondada.

da palavras [destɪ] e o [z] poderá aparecer antecedendo as consoantes sonoras, assim como na palavra [dezɪ] (CAGLIARI, 2002).

É possível prever a existência da neutralização, pois no Brasil dois pares suspeitos vocálicos bastante produtivos são [e] - [ɛ] e [o] - [ɔ], que se distinguem apenas em relação ao timbre. Antes de se analisar profundamente o fenômeno, fala-se que em posição pré-tônica os dois fonemas que possuem timbres abertos são mais produtivos nas regiões norte e nordeste do Brasil.

Porém na região do sul de Goiás foi possível encontrar a neutralização dos timbres aberto e fechado do /o/. Em posição imediatamente pré-tônica ocorreu apenas na palavra “orvalho”, porém com duas realizações diferentes:

Realização de “orvalho” [ɔh'vaɫɔ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Vianópolis	38 anos	Feminino	15 anos

Realização de “orvalho” [ɔɫ'vaɫɔ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Mineiros	45 anos	Feminino	16 anos

Embora haja apenas duas ocorrências deste tipo de neutralização [o] ~ [ɔ] na posição pré-tônica desta palavra, é importante observar que essa baixa frequência apresenta sua importância, já que com essa informação é possível concluir que, mesmo existindo essa possibilidade, nesta região estudada ela raramente ocorre.

A observação dos perfis não tem como objetivo uma análise sociolinguística, o objetivo é de ver o alcance das produções das respostas, sem, dessa forma, elaborar análises ou explicações do porquê tais perfis estão contemplados em algumas respostas e outros não.

No caso desta neutralização observada, pode-se notar que os perfis das entrevistadas são bastantes semelhantes, ambas com a faixa etária próxima, além do grau de escolaridade. Porém, isso não permite que se conclua que tal perfil apresente sempre

essa produção, uma vez que há outras mulheres com informações parecidas que deram outras respostas.

Um outro fenômeno bastante comum existente na língua portuguesa é a alofonia do par [o] e [ɔ]. É importante ressaltar que o ambiente onde essa alofonia é mais produtiva é em final de palavras, quando a sílaba final for átona, ou em posições pós-tônicas, como pode-se observar na realização da palavra ‘mato’ [ˈmato].

Segundo Câmara Jr., esse fenômeno é chamado de “debordamento fonêmico”. Ele explica que este processo ocorre quando “há [...] uma invasão de um fonema sobre a área de outro”. Neste caso, a “invasão” seria quanto à altura da vogal, uma vez que o fone [o] é média-alta e o [ɔ] alta (CAMARA Jr., 1977, p.60).

Embora o debordamento fonêmico do [o] para o [ɔ] ocorra principalmente nas sílabas átonas finais, foi possível encontrar realizações acontecendo em sílabas em posição pré-tônica.

Realização de “tornozelo” [toɾnɔ'zelo]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	67 anos	Masculino	8 anos
Rio Verde	45 anos	Masculino	8 anos
Vianópolis	50 anos	Masculino	10 anos
Buriti Alegre	48 anos	Masculino	11 anos
Corumbáiba	43 anos	Masculino	4 anos
Corumbáiba	53 anos	Masculino	5 anos
Edéia	70 anos	Feminino	2 anos
Paraúna	66 anos	Masculino	15 anos
São Simão	53 anos	Masculino	2 anos
Três Ranchos	18 anos	Masculino	12 anos

Realização de “tornozelo” [toɾnɔ'zelo]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	68 anos	Masculino	2 anos

Itumbiara	62 anos	Feminino	4 anos
Quirinópolis	60 anos	Masculino	0 anos
Quirinópolis	70 anos	Masculino	0 anos
Buriti Alegre	53 anos	Masculino	0 anos
Buriti Alegre	43 anos	Feminino	5 anos
Três Ranchos	73 anos	Feminino	4 anos

Realização de “trovoada” [trovo'adɐ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Corumbamba	43 anos	Masculino	4 anos

Das 18 produções que utilizam o alofone [ʊ] como variante, apenas 4 são produzidas por mulheres, dessa forma indicando predominância masculina nessa realização. Além disso, é importante observar que em geral as produções são de pessoas com a faixa etária acima dos 40 anos de idade. Quanto à escolaridade 12 entrevistados possuem de 0 a 5 anos de estudo, o que representa a maioria das pessoas.

A variante mais alta também apareceu como uma possível ocorrência para o fonema /o/, o fone [u]. Essa possibilidade, assim como a anterior, aconteceu em duas palavras e uma delas com duas realizações diferentes:

Realização de “sovaco” [su'bakʊ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	69 anos	Masculino	2 anos
Caldas Novas	67 anos	Masculino	8 anos
Cachoeira Dourada	69 anos	Masculino	4 anos
Itumbiara	58 anos	Feminino	15 anos
Jataí	46 anos	Feminino	1 ano
Jataí	56 anos	Masculino	3 anos
Quirinópolis	40 anos	Masculino	11 anos
Quirinópolis	70 anos	Masculino	0 anos
Rio Verde	52 anos	Masculino	4 anos

Rio Verde	45 anos	Masculino	8 anos
Buriti Alegre	48 anos	Masculino	11 anos
Buriti Alegre	53 anos	Masculino	0 anos
Buriti Alegre	43 anos	Feminino	5 anos
Corumbaíba	43 anos	Masculino	4 anos
Corumbaíba	53 anos	Masculino	5 anos
Corumbaíba	43 anos	Feminino	4 anos
Paraúna	23 anos	Masculino	8 anos
São Simão	63 anos	Feminino	8 anos
São Simão	67 anos	Feminino	0 anos
Três Ranchos	43 anos	Feminino	5 anos
Três Ranchos	18 anos	Masculino	12 anos

Realização de “sovaco” [su'vaku]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	43 anos	Feminino	13 anos
Itumbiara	38 anos	Masculino	6 anos
Itumbiara	62 anos	Feminino	4 anos
Quirinópolis	60 anos	Masculino	0 anos
Rio Verde	49 anos	Feminino	15 anos
Paraúna	66 anos	Masculino	15 anos
Paraúna	73 anos	Feminino	9 anos
São Simão	53 anos	Masculino	2 anos
Três Ranchos	73 anos	Feminino	4 anos
Orizona	52 anos	Masculino	4 anos
Pires do Rio	42 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	78 anos	Feminino	4 anos
Catalão	67 anos	Masculino	3 anos

Realização de “trovão” [tru'vãũ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
---------------	--------------	-------------	---------------------

Rio Verde	49 anos	Feminino	15 anos
Cachoeira Dourada	62 anos	Feminino	0 anos
Cachoeira Dourada	69 anos	Masculino	4 anos
Cachoeira Dourada	43 anos	Feminino	13 anos
Caldas Novas	69 anos	Masculino	2 anos
Caldas Novas	67 anos	Masculino	8 anos
Itumbiara	62 anos	Feminino	4 anos
Jataí	46 anos	Feminino	1 ano
Jataí	56 anos	Masculino	3 anos
Quirinópolis	70 anos	Masculino	0 anos
Vianópolis	47 anos	Masculino	3 anos
Mineiros	23 anos	Masculino	8 anos
Três Ranchos	43 anos	Feminino	5 anos
Três Ranchos	18 anos	Masculino	12 anos
São Simão	67 anos	Feminino	0 anos
Edéia	53 anos	Masculino	6 anos
Edéia	73 anos	Masculino	11 anos
Corumbaíba	53 anos	Masculino	5 anos
Buriti Alegre	53 anos	Masculino	0 anos
Buriti Alegre	43 anos	Feminino	5 anos
Buriti Alegre	25 anos	Masculino	15 anos
Pires do Rio	42 anos	Feminino	4 anos

O [u] como possibilidade para o fonema /o/ em posição pré-tônica foi utilizado 56 vezes. Com essa variante os perfis já foram mais diversificados: 23 dessas produções foram realizadas por mulheres e 33 por homens, 19 pessoas que possuem ensino fundamental completo ou maior formação, 6 pessoas que possuem 40 anos de idade ou menos do que isso.

A possibilidade do alofone [a] também foi encontrada entre os dados. Essa é a possibilidade que mais chama atenção, uma vez que não é um par suspeito de nenhuma das variantes anteriores, já que sua produção não é semelhante aos outros fones. Para este

fone foram obtidas duas respostas diferentes e apenas uma realização para cada uma delas:

Realização de “solução” [sa'lusɔ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	69 anos	Masculino	2 anos
Rio Verde	52 anos	Masculino	4 anos
Jataí	46 anos	Feminino	1 ano
Pires do Rio	42 anos	Feminino	4 anos

Realização de “orvalho” [aru'valʊ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Jataí	56 anos	Masculino	3 anos

Sem dúvida, essa é a variante menos provável, uma vez que não corresponde a par suspeito de nenhuma das possibilidades encontradas anteriormente, já que sua articulação difere bastante das demais. Este fone nessas condições foi produzido 2 vezes por mulheres e 3 vezes por homens, todos os informantes possuem escolaridade menor que 8 anos e idade acima dos 40 anos.

Mesmo correspondendo à variante com menor probabilidade, por questões articulatórias, na região do sul de Goiás ela foi mais produtiva do que um dos pares suspeitos, o alofone [ɔ], que apareceu em duas produções de uma mesma resposta, porém apenas uma vez em cada uma dela, uma das possibilidades que *a priori* poderia se esperar maior frequência.

A realização do alofone [a] nessas condições deve ser observada com bastante atenção, pois além de ele possuir articulação diferente dos demais sons, ele ocorreu com uma certa frequência, comprovando sua sistematização na língua. Entretanto, as análises feitas tiveram como resultado apenas hipóteses.

A primeira hipótese a ser considerada como explicação de tal fenômeno é a da dissimilação. Esse processo fonológico consiste na “[...] diversificação ou queda de um fonema por já existir fonema igual ou semelhante na palavra” (COUTINHO, 1972, p.144).

A dissimilação estaria presente na realização da palavra “solução” [sa'lusɔ], pois as duas sílabas finais da palavra são formadas por sons posteriores e altos. Dessa forma,

para que o processo da dissimilação ocorresse seria necessário diferenciar a articulação, e o alofone [a] é capaz de executar essa função, pois se trata de uma vogal baixa e central, ou seja, com duas características diferentes dos outros sons vocálicos.

Já para a palavra “orvalho” [aru'valjɔ], a hipótese é a de assimilação, que seria o processo contrário da dissimilação, isto é, ao invés de buscar a diferenciação dos fonemas, aqui procura “[...] a aproximação ou a perfeita identidade de dois fonemas, resultante da influência que exerce um sobre o outro” (COUTINHO, 1972, p. 143).

Neste caso, a realização do alofone [a] teria sofrido a influência da segunda sílaba. Por isso, a articulação se igualou, formando essa nova variante para a palavra orvalho.

Processos semelhantes já ocorreram na história da língua portuguesa, inclusive chegaram ao ponto de modificar a palavra. Coutinho (1972) apresenta alguns exemplos de ambos os processos.

Como exemplo de assimilação, com os mesmos sons do *corpus* [o] > [a], Coutinho (1972) mostra *novac(u)la* > *navalha* (COUTINHO, 1972, p. 144).

Para exemplificar o caso da dissimilação, há as palavras *rubore* > *arrebol*, que também sofre modificações semelhantes às sofridas pela palavra “orvalho”, uma vez que passou de uma vogal fechada [u] para uma aberta [a] (COUTINHO, 1972, p. 103).

A realização de [aru'valjɔ], além de conter o aspecto curioso do alofone [a] para o fonema /o/, ainda possui a prótese do fone [u] criando uma nova sílaba. Pode-se explicar esse fenômeno como um resultado de uma tentativa de adequação da sílaba formada por VC (vogal e consoante) para duas sílabas uma formada por V (vogal) e outra formada por CV (consoante e vogal) que é considerada a mais comum em língua portuguesa, ou seja, ao invés de ter uma sílaba travada, haveria uma sílaba simples e outra completa.

Também foi possível encontrar o fone [o] como possibilidade do fonema /o/. Para esse fonema todas as palavras analisadas possuem realização:

Realização [so'vakɔ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Orizona	79 anos	Feminino	15 anos

Realização [so'bakɔ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Vianópolis	38 anos	Feminino	15 anos

Realização [toɾno'zelo]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	52 anos	Feminino	4 anos
Caldas Novas	54 anos	Masculino	4 anos
Cachoeira Dourada	62 anos	Feminino	0 anos
Itumbiara	38 anos	Masculino	6 anos
Itumbiara	58 anos	Feminino	15 anos
Jataí	56 anos	Masculino	3 anos
Jataí	46 anos	Feminino	1 ano
Quirinópolis	40 anos	Masculino	11 anos
Vianópolis	47 anos	Masculino	3 anos
Corumbaba	43 anos	Feminino	4 anos
São Simão	63 anos	Feminino	8 anos
Três Ranchos	43 anos	Feminino	5 anos
Orizona	79 anos	Feminino	15 anos
Pires do Rio	44 anos	Feminino	5 anos
Ipameri	58 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	59 anos	Masculino	4 anos
Ipameri	78 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	77 anos	Masculino	0 anos
Catalão	67 anos	Masculino	3 anos
Catalão	74 anos	Feminino	4 anos
Catalão	37 anos	Masculino	11 anos

Realização [oɾ'valjo]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	67 anos	Masculino	8 anos
Itumbiara	58 anos	Feminino	15 anos
Quirinópolis	70 anos	Masculino	0 anos
Rio Verde	49 anos	Feminino	15 anos

Rio Verde	45 anos	Masculino	8 anos
Mineiros	57 anos	Masculino	11 anos
Corumbáiba	53 anos	Masculino	5 anos
Paraúna	23 anos	Masculino	8 anos
Paraúna	66 anos	Masculino	15 anos
Três Ranchos	43 anos	Feminino	5 anos
Três Ranchos	18 anos	Masculino	12 anos
São Simão	63 anos	Feminino	8 anos
Orizona	52 anos	Masculino	4 anos
Ipameri	58 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	59 anos	Masculino	4 anos
Catalão	67 anos	Masculino	3 anos
Catalão	74 anos	Feminino	4 anos
Pires do Rio	71 anos	Feminino	11 anos

Realização de [oro'vaj]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Buriti Alegre	53 anos	Masculino	0 anos
Buriti Alegre	43 anos	Feminino	5 anos

Realização de [or'valo]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Orizona	79 anos	Feminino	15 anos
Vianópolis	50 anos	Masculino	10 anos

Realização de [so'luso]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	52 anos	Feminino	4 anos
Caldas Novas	54 anos	Masculino	4 anos
Caldas Novas	67 anos	Masculino	8 anos

Cachoeira Dourada	62 anos	Feminino	0 anos
Cachoeira Dourada	43 anos	Feminino	13 anos
Itumbiara	38 anos	Masculino	6 anos
Itumbiara	58 anos	Feminino	15 anos
Itumbiara	62 anos	Feminino	4 anos
Jataí	56 anos	Masculino	3 anos
Quirinópolis	40 anos	Masculino	11 anos
Quirinópolis	60 anos	Masculino	0 anos
Quirinópolis	70 anos	Masculino	0 anos
Rio Verde	49 anos	Feminino	15 anos
Rio Verde	45 anos	Masculino	8 anos
Vianópolis	47 anos	Masculino	3 anos
Vianópolis	38 anos	Feminino	15 anos
Vianópolis	50 anos	Masculino	10 anos
Buriti Alegre	48 anos	Masculino	11 anos
Buriti Alegre	53 anos	Masculino	0 anos
Buriti Alegre	43 anos	Feminino	5 anos
Buriti Alegre	25 anos	Masculino	15 anos
Corumbaíba	43 anos	Masculino	4 anos
Corumbaíba	53 anos	Masculino	5 anos
Corumbaíba	43 anos	Feminino	4 anos
Edéia	53 anos	Masculino	6 anos
Edéia	70 anos	Feminino	2 anos
Paraúna	66 anos	Masculino	15 anos
Paraúna	73 anos	Feminino	9 anos
Paraúna	23 anos	Masculino	8 anos
São Simão	63 anos	Feminino	8 anos
São Simão	53 anos	Masculino	2 anos
Três Ranchos	73 anos	Feminino	4 anos
Três Ranchos	43 anos	Feminino	5 anos
Três Ranchos	18 anos	Masculino	12 anos
Orizona	52 anos	Masculino	4 anos
Orizona	79 anos	Feminino	15 anos

Pires do Rio	44 anos	Feminino	5 anos
Ipameri	58 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	59 anos	Masculino	4 anos
Ipameri	78 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	77 anos	Masculino	0 anos
Catalão	67 anos	Masculino	3 anos
Catalão	74 anos	Feminino	4 anos
Catalão	37 anos	Masculino	11 anos

Realização de [tro'vãũ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Rio Verde	45 anos	Masculino	8 anos
Caldas Novas	52 anos	Masculino	4 anos
Itumbiara	38 anos	Masculino	6 anos
Itumbiara	58 anos	Feminino	15 anos
Quirinópolis	40 anos	Masculino	11 anos
Quirinópolis	60 anos	Masculino	0 anos
Vianópolis	38 anos	Feminino	15 anos
Vianópolis	50 anos	Masculino	10 anos
Mineiros	57 anos	Masculino	11 anos
Três Ranchos	77 anos	Feminino	4 anos
São Simão	53 anos	Masculino	2 anos
Edéia	70 anos	Feminino	2 anos
Buriti Alegre	48 anos	Masculino	11 anos
Orizona	52 anos	Masculino	4 anos
Orizona	79 anos	Feminino	15 anos
Pires do Rio	44 anos	Feminino	5 anos
Pires do Rio	71 anos	Feminino	11 anos
Catalão	67 anos	Masculino	3 anos
Catalão	74 anos	Feminino	4 anos
Catalão	37 anos	Masculino	11 anos
Ipameri	78 anos	Feminino	4 anos

Ipameri	77 anos	Masculino	0 anos
Paraúna	66 anos	Masculino	15 anos
Paraúna	73 anos	Feminino	9 anos
Paraúna	23 anos	Masculino	8 anos

As realizações do [o] se totalizam em 114, sendo que delas 52 foram produzidas por mulheres e 62 por homens, 49 informantes possuem escolaridade de 8 anos ou mais e 18 pessoas possuem 40 anos de idade ou menos.

Resumidamente, é possível alegar que de acordo com a observação desses dados a realização do fone [ɔ] é produtiva entre informantes mulheres com escolaridade acima dos 8 anos de estudo. O elemento idade não coincide, já que foram duas produções e uma delas por uma informante com mais de 40 anos e outra com menos de 40 anos.

Já as produções do [ʊ] foram mais produtivas entre os homens, com idade acima dos 40 anos e com escolaridade abaixo de 8 anos de estudo. A variante mais alta desse fone, o [u], já apresentou certo equilíbrio quanto à produtividade feminina e masculina, porém a respeito da idade houve predomínio das pessoas com idade superior aos 40 anos e também com a escolaridade abaixo dos 8 anos.

O alofone [a] foi produzido por mulheres e homens de maneira semelhante, todos esses informantes possuem idade superior aos 40 anos de idade e todos, também, possuem escolaridade referente a ensino fundamental incompleto ou sem nenhuma escolaridade.

A realização do [o] também apresentou equilíbrio quanto a frequência dos sexos, pela grande quantidade de produções, a diferença entre a quantidade de homens e mulheres não foi muito grande, capaz de causar predominância de um dos lados. Em relação à idade foi possível observar uma grande quantidade de informantes com idade superior aos 40 anos e a escolaridade teve diferença discreta entre os informantes com mais de 8 anos de escolaridade dos que tem menos.

Ao observar o levantamento dos dados, é notável que esta última possibilidade é a mais produtiva e, por isso, é possível afirmar que o fonema do na posição pré-tônica no sul de Goiás seria o /o/, relativo a esses fenômenos analisados. O que permite essa alegação é a presença em todas as respostas analisadas, além da alta frequência em cada uma das respostas, se observadas isoladamente.

Assim, conclui-se, que em posição pré-tônica o “o” ortográfico no sul de Goiás tem como fonema o /o/ e como possibilidades fonéticas, ou alofones, os sons [ɔ], [ʊ], [u], [a] e [o].

2.3 NASALIZAÇÃO E DESNASALIZAÇÃO DA SÍLABA “GEM”

Este item abordará a sílaba “gem”, presente nas palavras “lavagem” e “vagem”, fornecidas como respostas ao questionário, ditas respectivamente para as perguntas “como chama a comida que se junta em casa para dar aos porcos?”, “como chama o feijão ainda no pé?” e “como chama quando para de chover?”.

Aqui, diferentemente do item anterior, a vogal será tratada como constituinte da sílaba –gem em finais de palavras, e não isoladamente. Por isso, é de suma importância que a sílaba seja explicada de forma detalhada e com o aporte teórico de grandes linguistas que discorreram referente a tal segmento.

A sílaba, segundo Câmara Jr. (2011):

[...] é uma divisão espontânea e profundamente sentida, na segunda articulação. Os seus tipos de estrutura marcam caracteristicamente as línguas. Não é, a bem dizer, o fonema, mas a sílaba que é ‘a estrutura fonêmica elementar’ (JAKOBSON, 1967 citado por CÂMARA Jr., 2011, p. 53).

Para a fonética, Câmara Jr. (2011) mostra que definir a sílaba é um problema difícil de resolver, pois há quem se valha do efeito sonoro (sílaba sonora), outros da força expiratória (sílaba dinâmica), do encadeamento articulatorio na produção contínua dos sons vocais (presente no *Curso de Linguística Geral*) ou, ainda, do jogo da musculatura peitoral.

Como um traço comum entre todas as teorias encontradas, Câmara Jr. (2011) apresenta um movimento de ascensão, que atinge um ápice, ou pico silábico, sendo este o centro da sílaba e seguido de um movimento decrescente.

Silva (2013) explica essas partes da estrutura silábica alegando que seu pico é uma parte obrigatória em uma e esta função geralmente tem o som vocálico como o responsável por cumprir esse papel⁹. As outras partes da sílaba são periféricas e opcionais, sendo preenchidas por segmentos consonantais.

As sílabas recebem classificações de acordo com a sua formação. Quando uma sílaba é estruturada como V¹⁰ ela é classificada como sílaba simples. Já quando a sílaba

⁹ Como já explicitado no item relacionado às vogais, no português brasileiro a vogal sempre vai ocupar a posição de pico silábico.

¹⁰ Qualquer vogal.

é formada por C¹V é chamada de sílaba completa, neste caso aberta ou “livre”, pois termina no elemento silábico. As sílabas VC são denominadas sílabas fechadas ou travadas. Por fim, as sílabas CVC que são as sílabas completas que possuem afixe e declive (CÂMARA, 2011).

As sílabas do tipo CVC são que interessam mais neste item, visto que o segmento a ser analisado corresponde a este tipo. Estas sílabas possuem um travamento consonantal após o som vocálico, assim como as que são formadas apenas como VC. Desta forma, aqui elas também serão denominadas como “sílabas travadas”.

Câmara Jr. (2010) conclui que há quatro modalidades de travamento em português constituídos: pelo /l/, que pode ou não vocalizar em /w/; por /y/ e /w/, em ditongos crescentes; pelos arquifonemas /S/, /R/ e /N/. A modalidade de travamento que interessa a essa análise é a do arquifonema /N/, visto que o segmento estudado, -gem, possui tal elemento.

Antes de discorrer acerca do fenômeno nos dados coletados, é importante explicitar o que é o arquifonema, que já foi mencionando anteriormente, porém sem explicações suficientes.

O arquifonema, segundo Cagliari (2002, p. 47), “representa a neutralização da oposição de dois fonemas já estabelecidos em outros contextos”. Em língua portuguesa há três tipos de arquifonemas: /S/, /R/ e /N/, todos eles ocorrendo no contexto de fronteira silábica.

O arquifonema /S/ representa a neutralização dos fones [s], [z], [ʃ] e [ʒ] em fronteira de sílabas. A variação da utilização do [s] e do [z] parte da influência do som posterior: caso o som posterior seja uma vogal ou uma consoante sonora realiza-se a palavra com o [z], por exemplo a palavra “desde” [ˈdezdʒi]. Já o [s] é pronunciado no caso de o som posterior ser de uma consoante surda, como no caso da palavra “deste” [ˈdestʃi]¹².

Os alofones [ʃ] e [ʒ] seguem o mesmo processo do [s] e [z], ou seja, o [ʃ] como sendo uma consoante surda é produtivo em fronteira de sílaba anterior a outra consoante surda e o [ʒ] antes de vogais ou consoantes surdas. O que vai determinar o uso do [s] e [z] ou [ʃ] e [ʒ] no contexto de fronteira silábica é a variedade linguística do falante, uma vez que a segunda possibilidade ocorre com mais frequência no Rio de Janeiro e em alguns estados do norte e nordeste brasileiro.

¹¹ Qualquer consoante.

¹² Transcrições referentes à fala goiana.

Já o arquifonema /R/ ocorre para representar a neutralização dos alofones [r], [h], [ɦ], [ɾ], [ʀ] e [x]. O critério para a seleção do alogone a ser utilizado neste caso é somente quanto à variedade linguística, não se valendo de influências sonoras como no caso do /S/.

O último arquifonema existente em língua portuguesa e o que interessa a este item é o nasal /N/. Para Câmara Jr. (2011), o arquifonema /N/ se realiza como /m/ antes de consoante labial na sílaba seguinte, /n/ antes de consoante anterior e como o alogone [ɲ] seguido de vogal posterior. Negando, assim, a existência de vogais nasais para esse autor. Ele admite a existência de vogais nasalizadas que sofrem a influência da nasalidade de sílabas próximas como no caso da palavra “banana” que dependendo da variedade linguística a pronúncia pode ser [bã'nanə].

Câmara Jr. (2011) alega que em casos de haver a presença do /eN/, este pode ser interpretado como ditongação [ẽĩ], dependendo da produção, o que foi possível encontrar nos dados analisados, nas três respostas, sendo que em uma delas houve duas produções diferentes:

Realização de “lavagem” [lɐ'vaʒẽĩ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Vianópolis	38 anos	Feminino	15 anos
Paraúna	23 anos	Masculino	8 anos

Realização de “vagem” ['baʒẽĩ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Rio Verde	45 anos	Masculino	8 anos

Realização de “vagem” ['vaʒẽĩ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Três Ranchos	18 anos	Masculino	12 anos
Itumbiara	38 anos	Masculino	6 anos
Rio Verde	49 anos	Feminino	15 anos
Orizona	79 anos	Feminino	15 anos

Ipameri	58 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	59 anos	Masculino	4 anos

Realização de “estiagem” [stʃi'azẽi]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Mineiros	45 anos	Feminino	16 anos

A ditongação nasal foi encontrada 10 vezes, sendo produzida por 5 mulheres e 5 homens, 7 vezes realizada por pessoas que possuem escolaridade igual ou superior a 8 anos e 3 vezes por pessoas com idade inferior aos 40 anos e 7 vezes por pessoas com idade superior a essa faixa.

Outra variação presente nessa estrutura silábica encontrada nos dados analisados foi a nasalização do [i], o que representaria o par suspeito do /eN, porém houve apenas uma realização do [ĩ] nessa posição:

Realização de “lavagem” [lɐ'vaʒĩ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Quirinópolis	40 anos	Masculino	11 anos

Esta possibilidade foi a menos produtiva, notavelmente. Porém, é possível perceber que assim como no caso das vogais orais, [e] e [i], serem pares suspeitos, pode-se considerar que com a presença da nasalidade isso também ocorra.

Indiscutivelmente, a variante mais produtiva foi a que não apresenta nasalidade na sílaba em questão:

Realização de “lavagem” [lɐ'vaʒi]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	54 anos	Masculino	4 anos
Caldas Novas	67 anos	Masculino	8 anos
Caldas Novas	69 anos	Masculino	2 anos
Cachoeira Dourada	62 anos	Feminino	0 anos
Cachoeira Dourada	69 anos	Masculino	4 anos

Cachoeira Dourada	43 anos	Feminino	13 anos
Itumbiara	38 anos	Masculino	6 anos
Itumbiara	58 anos	Feminino	15 anos
Itumbiara	62 anos	Feminino	4 anos
Jataí	56 anos	Masculino	3 anos
Jataí	46 anos	Feminino	1 ano
Quirinópolis	60 anos	Masculino	0 anos
Quirinópolis	70 anos	Masculino	0 anos
Rio Verde	49 anos	Feminino	15 anos
Rio Verde	52 anos	Masculino	4 anos
Rio Verde	45 anos	Masculino	8 anos
Vianópolis	47 anos	Masculino	3 anos
Vianópolis	50 anos	Masculino	10 anos
Buriti Alegre	48 anos	Masculino	11 anos
Buriti Alegre	53 anos	Masculino	0 anos
Buriti Alegre	43 anos	Feminino	5 anos
Buriti Alegre	25 anos	Masculino	15 anos
Corumbaíba	43 anos	Masculino	4 anos
Corumbaíba	53 anos	Masculino	5 anos
Corumbaíba	43 anos	Feminino	4 anos
Edéia	53 anos	Masculino	6 anos
Edéia	70 anos	Feminino	2 anos
Edéia	73 anos	Masculino	11 anos
Paraúna	66 anos	Masculino	15 anos
São Simão	63 anos	Feminino	8 anos
São Simão	67 anos	Feminino	0 anos
São Simão	53 anos	Masculino	2 anos
Três Ranchos	73 anos	Feminino	4 anos
Três Ranchos	43 anos	Feminino	5 anos
Três Ranchos	18 anos	Masculino	12 anos

Realização de “vagem” ['bɑʒɪ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Cachoeira Dourada	62 anos	Feminino	0 anos
Cachoeira Dourada	69 anos	Masculino	4 anos
Cachoeira Dourada	43 anos	Feminino	13 anos
Jataí	46 anos	Feminino	1 ano
Jataí	56 anos	Masculino	3 anos
Quirinópolis	70 anos	Masculino	0 anos
Rio Verde	52 anos	Masculino	4 anos
Rio Verde	49 anos	Feminino	15 anos
Vianópolis	47 anos	Masculino	3 anos
Buriti Alegre	48 anos	Masculino	11 anos
Buriti Alegre	53 anos	Masculino	0 anos
Buriti Alegre	43 anos	Feminino	5 anos
Corumbaba	43 anos	Masculino	4 anos
Edéia	70 anos	Feminino	2 anos
Paraúna	66 anos	Masculino	15 anos
Paraúna	73 anos	Feminino	9 anos
Paraúna	23 anos	Masculino	8 anos
São Simão	63 anos	Feminino	8 anos
Três Ranchos	73 anos	Feminino	4 anos
Três Ranchos	43 anos	Feminino	5 anos
Pires do Rio	44 anos	Feminino	5 anos
Pires do Rio	71 anos	Feminino	11 anos
Pires do Rio	42 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	58 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	59 anos	Masculino	4 anos
Catalão	37 anos	Masculino	11 anos

Realização de “vagem” ['vaʒɪ]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	69 anos	Masculino	2 anos
Itumbiara	62 anos	Feminino	4 anos

Itumbiara	58 anos	Feminino	15 anos
Jataí	56 anos	Masculino	3 anos
Jataí	46 anos	Feminino	1 ano
Quirinópolis	40 anos	Masculino	11 anos
Quirinópolis	60 anos	Masculino	0 anos
Vianópolis	50 anos	Masculino	10 anos
Buriti Alegre	48 anos	Masculino	11 anos
Corumbaíba	43 anos	Masculino	4 anos
Edéia	53 anos	Masculino	6 anos
Edéia	73 anos	Masculino	11 anos
São Simão	53 anos	Masculino	2 anos
São Simão	67 anos	Feminino	0 anos
Três Ranchos	43 anos	Feminino	5 anos
Orizona	52 anos	Masculino	4 anos
Ipameri	78 anos	Feminino	4 anos
Catalão	67 anos	Masculino	3 anos
Catalão	74 anos	Feminino	4 anos

Realização de “estiagem” [istʃi'aʒi]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Quirinópolis	70 anos	Masculino	0 anos
Itumbiara	62 anos	Feminino	4 anos
Caldas Novas	54 anos	Masculino	4 anos
Caldas Novas	52 anos	Feminino	4 anos
Vianópolis	50 anos	Masculino	10 anos
Rio Verde	45 anos	Masculino	8 anos
Buriti Alegre	48 anos	Masculino	11 anos
Corumbaíba	53 anos	Masculino	5 anos
Edéia	53 anos	Masculino	6 anos
Paraúna	66 anos	Masculino	15 anos
São Simão	67 anos	Feminino	0 anos
São Simão	53 anos	Masculino	2 anos

Ipameri	58 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	59 anos	Masculino	4 anos
Catalão	67 anos	Masculino	3 anos
Catalão	74 anos	Feminino	4 anos
Orizona	52 anos	Masculino	4 anos

As realizações com a ausência da nasalização totalizaram 96, sendo que 39 delas foram de mulheres e 57 homens, 30 pessoas com escolaridade igual ou superior a 8 anos e 66 inferior, 6 com idade igual ou menor que 40 anos e 90 com idade maior que 40 anos.

Uma hipótese capaz de justificar a oralização da vogal é a de que dessa forma a sílaba deixaria de ser uma sílaba travada, com a influência da consoante nasal, e seria uma sílaba formada por consoante e vogal, que em língua portuguesa é o tipo de vogal mais comum, por isso poderia haver a tendência de o falante transformar sílabas travadas em sílabas CV.

Tendo em mente que essa estrutura de sílaba travada em língua portuguesa é menos produtiva do que uma sílaba CV, é possível considerar a lei do menor esforço postulada por Whitney (2010), esteja presente nesse fenômeno ocorrido repetidas vezes na região estudada. Essa lei consiste na apresentação de que os falantes, como forma de adaptação ou aperfeiçoamento da língua tenderiam a economizar esforço na sua utilização, a fim de deixá-la mais conveniente ao uso.

CAPÍTULO 3

SONORIZAÇÃO E ENSURDECIMENTO DE CONSOANTE NA FALA DO SUL DE GOIÁS

Neste capítulo serão apresentadas, primeiramente, noções a respeito das consoantes, relacionadas à conceituação e aos critérios de classificação: ponto de articulação, modo de articulação, presença ou ausência de vozeamento.

Logo após serão apresentadas as possibilidades para a produção da palavra “sabugo”, que vão variar entre a realização da última sílaba com a consoante surda ou com a consoante sonora.

3.1 O RECONHECIMENTO DAS CONSOANTES

Como observado anteriormente na discussão referente aos sons vocálicos, estes sons são basicamente definidos como os produzidos através da passagem de ar sem nenhum obstáculo na cavidade oral. Dessa forma, pode-se pensar que os sons consonantais são aqueles realizados a partir de um obstáculo encontrado na cavidade oral.

Callou e Leite (2000) apresentam as consoantes como: “[...] vibrações aperiódicas ou ruídos ocasionados pela obstrução total ou parcial da corrente de ar devido à ação de dois articuladores, obstrução essa que se traduz numa redução de energia total do espectro acústico (CALLOU & LEITE, 2000, p. 23).

Pode-se observar, assim, que a diferença básica entre vogais e consoantes é quanto à presença ou ausência de obstrução na produção dos sons. Para as consoantes essas obstruções possuem outras importâncias além de fazer essa diferenciação, é a partir da observação delas que se classifica esses sons.

Como obstáculos para a produção dos sons consonantais encontram-se a faringe, a língua, o nariz, o palato, os dentes e os lábios, que fazem parte do sistema articulatório. Os órgãos deste sistema juntamente com o órgão do sistema fonatório (a laringe, onde encontra-se a glote) e com os órgãos do sistema respiratório (pulmões, músculos pulmonares, brônquios e traqueia) formam o aparelho fonador, o responsável pela produção dos sons (SILVA, 2013).

O primeiro critério de classificação, então, a apresentar será o lugar (ou ponto) de articulação, o que utiliza a observação dos órgãos utilizados para produzir as consoantes. Este critério segundo Silva (2013) possui oito possibilidades: bilabial, labiodental, dental, alveolar, alveolopalatal, palatal, velar, glotal.

As consoantes bilabiais são aquelas que ao serem pronunciadas o lábio inferior se encontra com o lábio superior, este sendo, então o articulador passivo e aquele o articulador ativo. Em língua portuguesa as consoantes que seguem esse critério são /p/, /b/ e o /m/, nas realizações das palavras “pá” /pa/, “boa” /boa/ e “má” /ma/.

Outro tipo de consoante quanto ao ponto de articulação é a labiodental, que possui como articulador ativo o lábio inferior e o passivo os dentes superiores. Têm-se em português as consoantes /f/ e /v/, por exemplo nas palavras “faz” /fas/ e “vá” /va/.

Já as consoantes dentais são as que para serem realizadas a ponta da língua toca os dentes incisivos superiores. As consoantes /d/, /t/, /l/, /n/ são as representantes dessa categoria na língua portuguesa, como exemplo de palavras temos “data” /'data/, “lata” /'lata/, “nada” /'nada/.

As consoantes alveolares, em língua portuguesa, são as mesmas que as dentais /d/, /t/, /l/ e /n/, embora o ponto de articulação seja outro. Nas consoantes alveolares o articulador ativo continua sendo a parte anterior da língua, o ápice ou a lâmina, só que o articulador passivo passa a ser os alvéolos, que é a parte do céu da boca, chamado de palato, mais próxima dos dentes frontais.

As realizações das consoantes /d/, /t/, /l/, /n/ como alveolares ou dentais não causam distinção de sentido, essa diferença na escolha do ponto de articulação ocorre, principalmente, pela maior adequação, por parte do falante, em realizar de um jeito ou de outro.

Outro tipo de consoante existente é das consoantes alveolopalatais que possuem a parte central da língua como o articulador ativo e a parte medial do palato duro, depois dos alvéolos em direção ao fundo da boca, como o articulador passivo. As consoantes que representam esse tipo no português são /ʒ/ e /ʃ/ como em “já” /ʒa/ e “chá” /ʃa/.

Há também a possibilidade de os sons alveolopalatais virem acompanhados por /t/ e /d/ formando, então, [tʃ] e [dʒ], que são fones que aparecem no falar de algumas regiões do país, inclusive no território goiano, quando antes do [i], representando alofones

de /t/ e /d/, respectivamente, nesse ambiente. Para exemplificar têm-se a realização da palavra “tia” [tʃiə] e da palavra “dia” [dʒiə].

Para as consoantes palatais, o articulador ativo é a parte média da língua e o articulador passivo seria o palato duro, a região do véu da boca onde é mais rígida. Como representantes desse tipo de consoantes em português há /ɲ/ e /ʎ/ que estão presentes nas segundas sílabas das palavras “linha” /'liɲa/ e “palha” /'paʎa/.

As consoantes velares são as possuem parte posterior da língua como o articulador ativo e o véu palatino ou palato mole, a região menos rígida do céu da boca, como o articulador passivo. No português, as consoantes deste grupo são /k/, /g/ [X]¹³ e [ɣ]¹⁴ presentes nas pronúncias das palavras “cá” /ka/, “gogó” /gɔ'gɔ/, “rua” [Xua] e “carga” [ˈkaɣga].

Finalmente, em língua portuguesa, seguindo a categorização de Silva (2013), existem as consoantes glotais, que utilizam os músculos ligamentais da glote (cordas vocais) como articuladores. As consoantes deste tipo, em língua portuguesa, são [h] e [ɦ]¹⁵.

A classificação de Lopes (1980) apresenta algumas diferenças em relação à de Silva (2013). Algumas das diferenças ocorrem na denominação e outras na presença ou na ausência de algumas consoantes em certas categorias.

Lopes (1980) denomina as consoantes chamadas de dentais, segundo Silva (2013), de apicodentais ou linguodentais, já que o ápice da língua é o articulador ativo. Há outra divergência presente nessa categoria, que é quais consoantes fazem parte dela. Para o autor, apenas /t/, /d/ e /n/ possuem esse ponto de articulação.

As consoantes alveolares também sofrem divergências entre os dois autores. Lopes (1980) considera que as consoantes /l/ e /r/ são deste grupo, o qual ele chama de

¹³ Segundo Silva (2013) [X] seria o som do “r” na pronúncia típica do dialeto carioca que ocorre em início de sílaba que seja precedida por silêncio, ou seja, em início de palavra; em início de sílaba que seja precedida por vogal e em início de sílaba que seja precedida por consoante.

¹⁴ Segundo Silva (2013) [ɣ] seria a pronúncia do /R/ do dialeto carioca que ocorre em final de sílaba seguida de consoante vozeada.

¹⁵ Os fones [h] e [ɦ], segundo Silva (2013), são pronúncias típicas do dialeto de Belo Horizonte. O primeiro é encontrado no mesmo contexto que [X] e o segundo no mesmo contexto que [ɣ], o que muda é variação linguística.

línguo-alveolares. Porém, as consoantes línguo-alveolares podem possuir uma particularidade, as línguo-alveolares convexas representadas por /s/ e /z/.

As línguo-palatais de Lopes (1980) correspondem às palatais de Silva (2013) e as línguo-palatais côncavas dele são as mesmas alveolopalatais dela.

As consoantes bilabiais, labiodentais e velares são conceituadas e denominadas da mesma forma por ambos os autores. E as consoantes glotais não são citadas por Lopes (1980).

Outro tipo de classificação existente para as consoantes é referente ao modo de articulação, que se relaciona ao tipo de obstrução o qual a corrente de ar vai encontrar. As categorias dessa classe de consoantes são: oclusivas, fricativas, africadas, tepe, vibrante, retroflexa, laterais e nasais.

Na produção das consoantes oclusivas os articuladores obstruem a passagem da corrente de ar de forma completa. As consoantes oclusivas que ocorrem em língua portuguesa são /p/, /t/, /k/, /b/, /d/ e /g/, na pronúncia das palavras “pá” /pa/, “tu” /tu/, “cá” /ka/, “bar” /baR/, “dá” /da/ e “gol” /gol/.

As fricativas, chamadas de constritivas por Câmara Jr (2011) e Lopes (1980), são as consoantes produzidas a partir de uma obstrução parcial da cavidade oral, que quando a corrente de ar passa, causa uma fricção, uma espécie de chiado. Representantes dessas consoantes em português, tem-se /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/ ao produzir as palavras “fê” /fɛ/, “vó” /vɔ/, “só” /sɔ/, “Zé” /zɛ/, “chá” /ʃa/ e “já” /ʒa/.

Silva (2013) ainda considera que os sons de [h], [ɦ], [X] e [ɣ] sejam fricativos. Como já foi explicitado, a autora caracteriza como sendo, os dois primeiros fones, tipicamente falados em Belo Horizonte e os dois últimos tipicamente falados no Rio de Janeiro.

Para a constituição dos sons africados é necessária a junção de um fonema oclusivo, para as africadas em português /t/ ou /d/, com um fonema fricativo, neste caso /ʃ/ ou /ʒ/, formando-se então [tʃ] e [dʒ]. Esses fonemas, como apresentado anteriormente, são produtivos em algumas regiões do Brasil antes do fonema /i/, por exemplo “tia” [tʃia] e “dia” [dʒia].

O tepe, como é denominado por Silva (2013), ou vibrante para Lopes (1980) e Câmara Jr. (2011), é uma consoante produzida quando o articulador ativo toca

rapidamente o articulador passivo, assim, ocasiona um breve bloqueio da corrente de ar na cavidade oral. Em português, o tepe /r/ ocorre entre vogais ou em encontro consonantal, ele sendo o segundo elemento, para exemplificar é possível observar as palavras “cara” /kara/ e “brava” /brava/.

Além do tipo de vibrante tepe, há também as consoantes vibrantes múltiplas, são resultado de repetidas e breves obstruções parciais da corrente de ar, provocadas pelo articulador ativo, neste caso a língua. Este tipo de vibrante ocorre em português brasileiro, principalmente em algumas variantes do estado de São Paulo. Quando há essa ocorrência, é em palavras como “marra” [ˈmaʁa].

As consoantes retroflexas são aquelas que ao serem pronunciadas a língua se levanta e se encurva em direção ao palato duro. No português no Brasil, há apenas um som com esse modo de articulação e que é típico do dialeto “caipira”, segundo Amaral (1981), que é o “r” retroflexo [ɾ]. O “r” retroflexo acontece em finais de sílabas, normalmente, como em “carne” [ˈkaɾni].

Há ainda as consoantes laterais, que são resultantes da obstrução parcial da corrente de ar, que passa pelas laterais da língua. Os fonemas laterais presentes em língua portuguesa são /l/ e /ʎ/ presentes em palavras como “lua” /lua/ e “palha” /paʎa/. Importante lembrar que o /l/ em final de sílabas sofre vocalização em grande parte do Brasil, mas ainda persiste, principalmente no sul, sendo pronunciado em palavras como “sal” /sal/.

O último modo de articulação das consoantes é o nasal. As consoantes nasais são produzidas a partir do abaixamento do véu palatino, fazendo assim com que o ar vindo dos pulmões tenha que se deslocar não apenas à cavidade oral desta vez, mas também à cavidade nasal. Têm-se em português as consoantes nasais /m/, /n/ e /ɲ/ existentes em palavras como “má” /ma/, “nu” /nu/ e “manha” /maɲa/.

O último critério para classificar as consoantes, e o que mais interessa a este item, é o que diz respeito às consoantes sonoras e às consoantes surdas. Quando uma consoante é produzida a partir da vibração das cordas vocais, a consoante em questão será sonora, caso a produção da consoante não necessite da vibração das cordas vocais, a consoante será sonora.

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv	p		t			k	
	voz	b		d			g	
Africada	desv				tʃ			
	voz				dʒ			
Fricativa	desv		f	s	ʃ		X	h
	voz		v	z	ʒ		Y	ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ (ỹ)		
Tepe	voz			ɾ				
Vibrante	voz			ʀ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l (ɭ)		ʎ (ʎ)		

Tabela: Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português

(SILVA, 2013, p, 37)

O quadro acima, de Silva (2013), apresenta as consoantes presentes em língua portuguesa organizadamente de acordo com o modo de articulação e com o ponto de articulação.

Como foi possível observar, os exemplos dados sempre tiveram de ser com palavras completas, diferentemente do que foi visto na parte referente às vogais. Aqui é de suma importância a presença das vogais para que se pense na pronúncia das consoantes, visto que estas nunca podem, em língua portuguesa, ocupar o centro das sílabas, sendo assim, para que haja a pronúncia delas, é imprescindível o acompanhamento de vogais.

3.2 OSCILAÇÃO ENTRE O EMPREGO DE /g/ E /k/ NA PALAVRA “SABUGO”

A oscilação entre o /g/ e o /k/ será observada nessa seção, que tem como *corpus* as respostas fornecidas ao questionário do Alingo referentes à pergunta “como chama o pau onde ficam os grãos de milho?”.

O fenômeno observado nessa questão é a oscilação entre fonemas que são pares suspeitos, também chamados por Cagliari (2002) de sons foneticamente semelhantes, que são os sons os quais possuem articulações bastante similares, diferindo apenas em um dos critérios classificatórios. O par suspeito estudado nesse item será o /k/ e o /g/.

Ao classificar esses dois fonema nota-se que ambos são oclusivos, ou seja, ao serem produzidos há obstrução total da cavidade oral; são velares, aqueles que ao serem pronunciados a parte posterior da língua encontra com o véu palatino. Porém, eles se diferenciam quanto ao vozeamento, ou sonorização, sendo /k/ uma consoante surda, ou desvozeada, e /g/ um fonema sonoro, ou vozeado.

Para a realização da palavra “sabugo” foi possível perceber a presença desses dois fonemas na sílaba final. Deve-se lembrar que a exposição do perfil dos entrevistados é só para se observar a abrangência das ocorrências, sem preocupações sociolinguísticas.

Realização de “sabugo” [sa'bugo]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	69 anos	Masculino	2 anos
Itumbiara	58 anos	Feminino	15 anos
Itumbiara	62 anos	Feminino	4 anos
Quirinópolis	60 anos	Masculino	0 anos
Quirinópolis	70 anos	Masculino	0 anos
Rio Verde	49 anos	Feminino	15 anos
Rio Verde	52 anos	Masculino	4 anos
Rio Verde	45 anos	Masculino	8 anos
Vianópolis	47 anos	Masculino	3 anos
Vianópolis	50 anos	Masculino	10 anos
Vianópolis	38 anos	Feminino	15 anos
Buriti Alegre	48 anos	Masculino	11 anos
Paraúna	66 anos	Masculino	15 anos
Paraúna	23 anos	Masculino	8 anos
São Simão	67 anos	Feminino	0 anos
Três Ranchos	43 anos	Feminino	5 anos
Orizona	52 anos	Masculino	4 anos
Orizona	79 anos	Feminino	15 anos
Pires do Rio	44 anos	Feminino	5 anos
Pires do Rio	42 anos	Feminino	4 anos

Catalão	67 anos	Masculino	3 anos
Catalão	37 anos	Masculino	11 anos
Ipameri	58 anos	Feminino	4 anos
Ipameri	59 anos	Masculino	4 anos
Ipameri	79 anos	Feminino	4 anos

O total de realizações com a consoante sonora foi de 25, sendo que 14 vezes foram produzidas por homens e 11 por mulheres, 14 com escolaridade abaixo de 8 anos e 11 com escolaridade acima ou igual a 8 anos e 1 com idade menor a 40 anos e os demais com idade superior a 40 anos.

A outra variação que ocorreu a partir desse fenômeno foi com a consoante surda na última sílaba:

Realização de “sabugo” [sa'buko]:

Cidade	Idade	Sexo	Escolaridade
Caldas Novas	62 anos	Feminino	2 anos
Cachoeira Dourada	62 anos	Feminino	0 anos
Cachoeira Dourada	69 anos	Masculino	4 anos
Cachoeira Dourada	43 anos	Feminino	13 anos
Jataí	56 anos	Masculino	3 anos
Jataí	46 anos	Feminino	1 ano
Quirinópolis	40 anos	Masculino	11 anos
Buriti Alegre	53 anos	Masculino	0 anos
Buriti Alegre	43 anos	Feminino	5 anos
Corumbáiba	43 anos	Masculino	4 anos
Corumbáiba	53 anos	Masculino	5 anos
Edéia	53 anos	Masculino	6 anos
Edéia	70 anos	Feminino	2 anos
Edéia	73 anos	Masculino	11 anos
Paraúna	73 anos	Feminino	9 anos
São Simão	63 anos	Feminino	8 anos

São Simão	53 anos	Masculino	2 anos
Três Ranchos	73 anos	Feminino	4 anos
Três Ranchos	18 anos	Masculino	12 anos
Pires do Rio	71 anos	Feminino	11 anos
Ipameri	77 anos	Masculino	0 anos
Catalão	74 anos	Feminino	4 anos

Das 22 produções que utilizam a consoante surda, 13 foram de homens, 9 de mulheres, apenas 1 com idade inferior aos 40 anos, logo, 21 com idade igual ou superior aos 40 anos de idade. Dos entrevistados que assim realizaram a resposta 7 têm a escolaridade de 8 anos ou mais e 15 com escolaridade menor do que 8 anos.

Observa-se, a partir do levantamento dos dados, que o número de realizações das duas formas, tanto com a consoante sonora ou com a consoante surda, não diferem significativamente, aparentando, assim, que ambas as formas são muito produtivas na região estudada.

A explicação de tal fenômeno presente na gramática histórica é a favor da sonorização, ou seja, a forma anterior seria a palavra com a consoante surda e depois havia sofrido o processo de vozeamento: “As consoantes mediais surdas latinas, quando intervocálicas, sonorizam-se em português nas suas homorgânicas, e as sonoras geralmente caem” (COUTINHO, 1972, p. 112).

Coutinho (1972, p. 113) apresenta diversos exemplos que consolidam esse processo e auxiliam na comprovação desta hipótese: *secare* > *segarr*; *pagare* > *pagarr*; *carricare* > *carregar*; *dico* > *digo*; *focu* > *fogo*; *ficu* > *figu*. Além desses exemplos trazidos do latim, também pode-se encontrar no cotidiano brasileiro as formas “cuspe” [ˈkuspɪ] e “guspe” [ˈguspɪ], que embora a variação se dê no início da palavra, ambas as formas são aceitas no falar da língua portuguesa.

CONCLUSÃO

O estudo linguístico dos fenômenos linguísticos apresentados contribuem bastante para a linguística do Brasil, uma vez que a partir dele pode-se refletir como é funcionamento de determinada variedade e através de suas peculiaridades construir sua própria identidade linguística.

Foi com esse objetivo que o projeto piloto dessa dissertação surgiu, para traçar, através da comparação com o triângulo mineiro e o restante do estado de Goiás, o *falar* do sul goiano. Porém, como ocorreram dificuldades com o *corpus* mineiro, optou-se pela identificação de fenômenos peculiares e, então, tentar construir um panorama da fonética da região selecionada a partir dos dados coletados e presentes no *Atlas Linguístico de Goiás – ALINGO*.

A fim de utilizar as análises feitas nesse trabalho como uma forma possível de metodologia, foi construído um percurso histórico dos estudos dos sons da fala, para que assim os levantamentos realizados pudessem fazer parte dessa história da linguística. Com a finalidade de atribuir maior coerência a esse raciocínio, a disposição das investigações linguísticas foi organizada cronologicamente, partindo dos hindus, até chegar na análise apresentada do objeto em questão.

Este histórico elaborado, além de causar o efeito exposto, auxiliou também no entendimento das análises desenvolvidas, visto que elas se utilizaram de muitos métodos antigos, mesclando com outros menos antigos, a fim de construir o resultado final da pesquisa, assim, introduzindo aos leitores algumas noções básicas das teorias que também foram colocadas em prática.

A descrição linguística aqui exposta, possibilitou a observação de que, independentemente do período histórico, essa área jamais estará esgotada, seja pelas constantes variações linguísticas ou pelos mais diversos locais que podem ser observados, com diferentes alcances.

Graças à elaboração do ALINGO, foi possível observar atentamente os *falares* de regiões menos acessíveis e desenvolver essa pesquisa, deparando com o alofone [a] para o fonema /o/, além dos alofones [o], [ɔ], [u] e [ʊ] em posição pré-tônica. Comprovando que o que se lê em manuais de linguísticas, referente à alofonia, representa apenas uma parte do que realmente ocorre no cotidiano brasileiro.

A partir de uma visão ampla da linguística, possibilitada pelo primeiro capítulo, pôde-se analisar um fenômeno atual utilizando um aparato do século XIX, a Linguística Histórica, como foi o caso da palavra “orvalho” que viabilizou a realização [aru'valʎo], permitindo a hipótese de assimilação vocálica, além de uma prótese que pode ser explicada como uma acomodação silábica, ou seja, criação de uma sílaba CV, mais comum em português.

Ao examinar a questão da nasalização e da desnasalização da sílaba “-gem”, foi possível perceber que, às vezes, fenômenos tão próximos do dia-a-dia podem ser analisados profundamente, de acordo com a articulação, ou menos levando em conta a lei do menor esforço postulada por Whitney (2010), podendo resultar tanto no ditongo [ʒẽi] como na forma simplificada e desnasalizada [ʒɪ] ou a nasalizada [ʒĩ].

Por último, a oscilação entre a realização da palavra “sabugo” com a consoante sonora [g] ou com a consoante surda [k], trouxe muita curiosidade desde a coleta dos dados. Porém, através de uma investigação, foi possível observar que este tipo de mecanismo ocorre nas línguas latinas há muito tempo, o que possibilitou a compreensão da quantidade de pessoas que realizaram ambas as formas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRANDÃO, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- BESSA, José Rogério Fontenele (Coord.). *Atlas linguístico do estado do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2010, 2 vol.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 3ª ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CÂMARA JR., J.M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. *Problemas de linguística descritiva*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 44ª ed. Petrópolis, 2011.
- CARDOSO, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- _____. "Sergipe – um estado com dois atlas". In: AGUILERA, V. de A. (org.) *A geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Uduel, 2005, p. 103-135.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1972.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- ILARI, R. *Linguística Românica*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- KRISTEVA, J. *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- LADEFOGED, P. *Vowels and consonants: an introduction to the sounds of the language*. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 2001.
- LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1996.

- LOPES, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- LYONS, J. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- MATEUS, M. H.; ANDRADE, E. d'. *The phonology of portuguese*. New York: Oxford, 2002.
- MILANI, S. E. *Historiografia Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.
- _____. *Historiografia Linguística de Wilhelm von Humboldt: Conceitos e métodos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- MILANI, S E., [et al]. *Atlas linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.
- MUSSALIN, F.; C BENTES, A. *Introdução à linguística. Domínios e fronteiras*. 3 vols. São Paulo: Cortez, 2004.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2.^a ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- _____. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.
- PALACIN, L; MORAES, M. A. de S. *História de Goiás*. 5^a Ed. Goiânia: Editora UFG, 1989.
- PAVEAU, M.A; SARFATI, G. E. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- PINHEIRO, I. M. G.; MILANI, S. E. *Possibilidades fonéticas do “o” ortográfico em Goiás*. Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Linc., Mestrado Letras UEMS/Campo Grande, v. 4, n° 12, mai. 2014, p. 436 – 451.
- PLATÃO. *Diálogos: Teeteto – Crátilo*. Belém, UFPA, 1973.
- ROBINS, R. H. *Pequena História da Linguística*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2004.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 34^a ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SILVA, T. C.. *Dicionário de fonética e fonologia*. Colaboradoras Daniela Oliveira Guimarães, Maria Mendes Cantoni. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10^a ed. São Paulo: Contexto, 2013
- SILVA, W. K. L. da. *Caracterização linguística do Oeste Goiano [manuscrito]: o uso variável das vogais médias pretônicas na fala de Iporá/GO*. (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Goiás, 2013.
- SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2.^a ed. melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- VIDOS, Benedek Elemér. *Manual de linguística românica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

VIEIRA, R. P. F. *Historiografia-Linguística dos métodos de estudos sobre aférese no Brasil*. (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de Goiás, 2012.

WHALEY, L. J. *Introduction of typology: the unity and diversity of language*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1997.

WHITNEY, W. D. *A vida da linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.